UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA

AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE OVOS AO LONGO DE 51 SEMANAS EM GALINHAS POEDEIRAS ALIMENTADAS COM UMA VARIAÇÃO DE 400 KCAL EM/KG

RAISSA GABRIELA DIAS MENEZES

Zootecnista - UFRGS

Dissertação apresentada como um dos requisitos à obtenção do Grau de Mestre em Zootecnia

Área de Concentração: Nutrição animal

Porto Alegre (RS), Brasil

Março de 2024

CIP - Catalogação na Publicação

Menezes, Raíssa Gabriela Dias
Avaliação da produção de ovos ao longo de 51 semanas em galinhas poedeiras alimentadas com uma variação de 400 kcal em/kg / Raíssa Gabriela Dias Menezes. -- 2024.
73 f.
Orientador: Sergio Luiz Vieira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. poedeiras. 2. energia metabolizável. 3. desempenho. 4. ovos. I. Luiz Vieira, Sergio, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Raíssa Gabriela Dias Menezes
Zootecnista

DISSERTAÇÃO

Submetida como parte dos requisitos
para obtenção do Grau de
MESTRE EM ZOOTECNIA

Programa de Pós-Graduação em Zootecnia
Faculdade de Agronomia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre (RS), Brasil

Aprovada em: 05.07.2024
Pela Banca Examinadora

Sergio Luiz Vieira
Assinado de forma digital por Sergio Luiz Vieira
Dados: 2024.07.31 12:45:42 -03'00'

Sergio Luiz Vieira
PPG Zootecnia/UFRGS
Orientador

gov.br Documento assinado digitalmente
ALEX MAIORKA
Data: 23/07/2024 10:13:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Alex Maiorka
UFPR

gov.br Documento assinado digitalmente
ANDRE FAVERO
Data: 26/07/2024 17:30:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

André Favero
UFRGS

gov.br Documento assinado digitalmente
CATARINA STEFANELLO
Data: 12/07/2024 16:45:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Catarina Stefanello
UFSM

Homologado em: 07/08/2024
Por

Ines Andretta
Assinado de forma digital por Ines Andretta
Dados: 2024.08.08 09:07:50 -03'00'

INES ANDRETA
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Zootecnia

gov.br Documento assinado digitalmente
PAULO VITOR DUTRA DE SOUZA
Data: 08/08/2024 14:03:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

PAULO VITOR DUTRA DE SOUZA
Vice-diretor da Faculdade
de Agronomia

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes.”

– Isaac Newton.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero expressar minha sincera gratidão a todos os que compartilharam esta jornada comigo. Agradeço a Deus pelo dom da vida e por Sua proteção constante, que me dá forças para seguir adiante. Aos meus pais, Ângela e Edmilson, e ao meu irmão, Cauã, que desde o início, foram os meus maiores incentivadores, sempre acreditando no meu potencial e me encorajando a perseguir meus sonhos. Saibam que cada conquista que alcancei é também uma homenagem ao amor e apoio que vocês me deram. À memória do meu avô, Eloci, cujo apoio e amor continuam a inspirar-me, e à minha avó, Valdira, cujo carinho é como uma luz constante em minha vida. São meus segundos pais, e sou profundamente grata por tudo que fizeram por mim. Ao meu amado marido, Ezequiel, meu porto seguro e companheiro de vida. Seu amor incondicional e apoio são o alicerce sobre o qual estamos construindo nosso lar e sonhos juntos. Te amo mais do que palavras podem expressar, e sou imensamente grata por ter você ao meu lado em cada passo da nossa jornada. Ao meu amado filho, João Ezequiel, cuja inocência, alegria e amor iluminaram meus dias mais sombrios e deram um propósito ainda maior a esta jornada acadêmica. Se houve momentos em que minha presença não foi tão constante quanto desejava, saiba que foi para construir um futuro mais promissor para nós três. Você é a minha maior bênção, e meu amor por você é incondicional e eterno.

Ao meu estimado professor e orientador, Sérgio Luiz Vieira, expresso minha profunda gratidão. Suas oportunidades, ensinamentos e conselhos foram cruciais para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Sou imensamente grato por toda sua orientação e apoio ao longo deste percurso. A estrutura excepcional que você proporcionou para a realização deste trabalho e da pesquisa foi essencial para o meu sucesso. Aos colegas que me acompanharam ao longo de 6 anos no Aviário de Ensino e Pesquisa, gostaria de expressar minha sincera admiração pela dedicação e comprometimento demonstrados. Os aprendizados que compartilhamos e os laços de amizade que construímos são verdadeiros tesouros que guardarei para sempre em minha memória. Um agradecimento especial aos meus colegas Raquel e Douglas, cuja ajuda foi inestimável. Vocês foram verdadeiramente impecáveis em seu apoio e colaboração comigo ao longo deste período. Aos professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia e da Estação Experimental Agronômica da UFRGS, expresso minha profunda gratidão pelo apoio contínuo e pela

infraestrutura excepcional que foram essenciais para viabilizar minha pesquisa e estudos.

Agradeço à Mercoaves pelo apoio e oportunidades concedidas ao longo da minha trajetória profissional e acadêmica. Seu suporte foi fundamental para meu crescimento e desenvolvimento. Agradeço ao Henrique e Gauben pela confiança em meu trabalho. Suas orientações e incentivos foram essenciais para minha jornada, e sou imensamente grata por todo apoio recebido.

AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE OVOS AO LONGO DE 51 SEMANAS EM GALINHAS POEDEIRAS ALIMENTADAS COM UMA VARIAÇÃO DE 400 KCAL EM/KG

Autor: Raíssa Gabriela Dias Menezes

Orientador: Sergio Luiz Vieira

Resumo – Foi avaliada a produção de ovos de galinhas poedeiras alimentadas com dietas com níveis decrescentes de energia metabolizável (EM) ao longo de 51 semanas. As galinhas foram alojadas em 48 gaiolas, 4 tratamentos com 12 repetições de duas galinhas cada. Todas as galinhas foram alimentadas com ração de adaptação de 18 a 24 semanas (2.750 kcal EM/kg, 17,2% PB, 4,0% Ca e 0,48% Av. P), e após este período, com rações experimentais de 25 a 76 semanas e com energia decrescente (2.850, 2.750, 2.650 e 2.550 kcal EM/kg), mas com todos os nutrientes que compõem a formulação. Os tratamentos foram distribuídos em delineamento de blocos casualizados e para a análise de variância utilizou 13 períodos de 28 dias com medidas repetidas. Respostas lineares foram observadas para peso corporal, consumo de ração, consumo de EM, peso do ovo, massa do ovo, gema, albúmen, casca do ovo, bem como espessura da casca do ovo com reduções de 30 g, 2,2 g, 5,3 kcal, 0,7 g, 0,8 g, 0,24 g, 0,57 g, 0,07 g e 1,82 µm para cada redução de 100 kcal de EM, respectivamente (P <0,05). A produção total de ovos foi ajustada quadraticamente com a EM da dieta atingindo o ponto mais alto com 350 ovos totais por galinha e CA de 1,377 kg/dúzia de ovos a 2.733 kcal e 2.842 kcal, respectivamente (P < 0,05). O menor custo de produção de ovos associado à ração foi obtido com galinhas alimentadas com 2.650 kcal EM/kg (R$ 0,165 por unidade de ovo) durante todo o período experimental.

Palavras-chave: poedeiras, energia metabolizável, desempenho, ovos.

[1]Dissertação de Mestrado em Zootecnia – Produção Animal, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil (71 p.), Março, 2024

A 51-WEEK EGG PRODUCTION ASSESSMENT OF WHITE LEGHORN HENS FED ON A 400 KCAL ME/KG RANGE.

Author: Raíssa Gabriela Dias Menezes

Advisor: Sergio Luiz Vieira

Abstract – Egg production of White Leghorn hens fed diets with decreasing ME contents through 51 wks were evaluated. Hens were allocated into 48 cages in 4 treatments with 12 replicates of two hens each. All hens were fed an adaptation feed from 18 to 24 wks (2,750 kcal ME/kg, 17.2% CP, 4.0% Ca and 0.48% Av. P) and then the experimental feeds from 25 to 76 wks with decreasing energy (2,850, 2,750, 2,650 and 2,550 kcal ME/kg) but with all nutrients commonly formulated. Treatments were distributed into a randomized block design and the analysis of variance used 13 periods of 28 d with repeated measures. Linear responses were observed for BW, feed intake, ME intake, egg weight, egg mass, yolk, albumen, eggshell, as well as eggshell thickness with decreases of 30 g, 2.2 g, 5.3 kcal, 0.7 g, 0.8 g, 0.24 g, 0.57 g, 0.07 g, and 1.82 µm for each 100 kcal ME reduction, respectively ($P < 0.05$). Total egg production was quadratically adjusted with dietary ME reaching a highest point with 350 total eggs per hen and FCR of 1.377 kg/dozen eggs at 2,733 kcal and 2,842 kcal, respectively ($P < 0.05$). The lowest egg production cost associated with the feed was obtained with hens fed 2,650 kcal ME (U$ 0.033 per egg unit) throughout the experimental period.

Key words: laying hens, metabolizable energy, performance, eggs.

[1]Master of Science Dissertation in Animal Science – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brazil. (71 p.), March, 2024.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS **10**

LISTA DE FIGURAS **11**

LISTA DE ABREVIATURAS **12**

CAPÍTULO I **13**

1. INTRODUÇÃO **14**

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA **17**

2.1. Energia 17

2.2. Energia Metabolizável 20

2.3. Regulação da Ingestão Alimentar 22

3. HIPÓTESES E OBJETIVOS **23**

CAPÍTULO II **24**

CAPÍTULO III **43**

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 44

5. REFERÊNCIAS 45

6. APÊNDICES **48**

7. VITA **73**

LISTA DE TABELAS

Table 1. Composition of feeds having graded decreases in ME supplied to white Leghorn laying hens from 25 to 76 wks. 35

Table 2. Performance and egg characteristics of white Leghorn laying hens fed on graded decreases of ME from 25 to 76 wks. 36

Table 3. Effects of diets with gradual decreases of ME on egg characteristics of white Leghorn laying hens from 25 to 76 wks. 37

Table 4. Regression equations of white Leghorn laying hens fed diets with gradual ME decreases from 25 to 76 wks. 38

LISTA DE FIGURAS

Figure 1. Temperature and relative humidity throughout the trial. 39

LISTA DE ABREVIATURAS

EB	Energia Bruta
ED	Energia Digestível
EL	Energia Líquida
EM	Energia Metabolizável
EMA	Energia Metabolizável Aparente.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

Com uma produção impressionante de 52 bilhões de unidades, o setor de ovos do Brasil registra um Valor Bruto da Produção de R$ 20,2 bilhões. Além disso, o país exporta 9,4 mil toneladas, totalizando US$ 22,4 milhões em vendas para 89 países. Como o quinto maior produtor do mundo, o Brasil demonstra uma média de consumo per capita de 241 unidades por habitante ao ano (ABPA, 2023). Observa-se na avicultura, que a alimentação representa cerca de 70% dos custos de produção, sendo os níveis de energia e proteína das dietas os principais componentes desse gasto (Costa et al., 2004). A energia representa o componente nutricional primordial na alimentação de poedeiras comerciais, sendo gerada pela oxidação de carboidratos, gorduras, proteínas e fibras. A energia contida nos alimentos, resultado da metabolização dos nutrientes durante o processo metabólico, é considerada um dos fatores primordiais na nutrição animal (RODRIGUES 5 et al., 2002). Entre os componentes dos alimentos: carboidratos, lipídios, proteínas e frações de fibras desempenham um papel fundamental no fornecimento de energia para o organismo animal. (SAKOMURA: ROSTAGNO, 2007). Essa energia é essencial para manter as funções vitais do organismo, como locomoção, regulação da temperatura corporal e síntese de tecidos orgânicos. O excedente energético pode ser armazenado ou utilizado para promover atividades produtivas, como a produção de ovos (NRC, 1994). O nível de energia é comumente selecionado como ponto de partida na formulação de dietas, fornecendo uma base para a fixação dos níveis de outros nutrientes, como proteína bruta, aminoácidos, ácidos graxos e minerais. (Faria e Santos, 2005).

A exigência energética das aves varia significativamente de acordo com uma série de fatores, incluindo peso corporal, fase de produção, tamanho do ovo, linhagem e temperatura ambiente (Coon, 2002). Conforme observado por Morris (2004), as aves têm a capacidade de ajustar seu consumo de ração em resposta ao teor energético, aumentando-o quando esse teor é baixo para garantir uma ingestão adequada de energia até que suas demandas sejam atendidas. Esse mecanismo adaptativo destaca a complexidade e a flexibilidade do comportamento alimentar das aves em relação à energia disponível em sua dieta. Diversas pesquisas foram realizadas para explorar os impactos da energia presente na dieta sobre o consumo de ração em galinhas poedeiras. Dentro da faixa de 2.400 a 3.000 kcal, uma redução de 100 kcal na energia resulta, em média, em uma diminuição de 1,2% no consumo energético

quando se considera a diluição da ração, e de 1,4% quando se estuda a redução dos teores de gordura. Além disso, verificou-se que o nível energético da ração exerce pouco impacto sobre o número total de ovos produzidos, sendo que, em todos os casos, as diferenças observadas foram inferiores a 1% (BOUGON, 1997). Segundo Hill et al. (1956), galinhas poedeiras que receberam dietas com 1.850 kcal demonstraram um incremento de 10% no consumo de ração em comparação àquelas alimentadas com dietas contendo 2.050 kcal. COSTA et al. (2009), não encontrou evidências de influência dos diferentes níveis de energia metabolizável sobre conversão alimentar, massa dos ovos, peso de gema e casca, a proporção de gema para clara, a gravidade específica e ganho de peso das aves. Grobas et al. (1999), observou que aumentando a energia da dieta, de 2.680 para 2.810 kcal de EM/kg, diminuiu o consumo da ração em 4%. Danos et al. (2000) constataram que galinhas alimentadas com dietas contendo 2.519 kcal de EM/kg consumiram 8,5% mais ração do que aquelas alimentadas com dietas de 2.798 kcal de EM/kg. Summers e Leeson (1983) relataram que o peso do ovo não foi afetado pelo aumento na energia da dieta. Em contrapartida, vários estudos indicaram que o aumento da energia na dieta, resulta em um aumento no peso inicial do ovo (Keshavarz, 1995; Keshavarz & Nakajima, 1995; Harms et al., 2000; Bohnsack et al., 2002; Sohail et al., 2003).

As necessidades energéticas das aves, como indicado por Rosa et al. (1997), são um elemento crucial para garantir seu crescimento, produção e saúde geral. No entanto, a determinação precisa dessas necessidades é complexa devido a uma série de fatores interligados. É notório que muitas das recomendações energéticas presentes nos manuais de criação são baseadas em estudos realizados em ambientes controlados, os quais podem não representar fielmente as condições reais de produção. Esta desconexão é significativa porque o ambiente de criação das aves pode variar, influenciando diretamente suas exigências energéticas (Skinner et al., 1992). Aspectos como a linhagem das aves desempenham um papel crucial, pois podem ter taxas metabólicas distintas, influenciando assim suas necessidades energéticas específicas. Além disso, a idade das aves e as práticas de manejo adotadas, como o tipo de alojamento e sistema de alimentação utilizado, podem impactar significativamente o gasto energético das aves. Fatores ambientais, como temperatura, umidade relativa e velocidade do ar, também exercem influência sobre o metabolismo das aves, afetando sua capacidade de utilizar eficientemente a energia proveniente da alimentação. Dessa forma, é fundamental reconhecer que as

recomendações energéticas estabelecidas em condições controladas podem não se traduzir diretamente em ambientes reais de produção. Portanto, ajustes e monitoramento constantes das dietas são essenciais para atender às necessidades energéticas específicas das aves e garantir seu ótimo desempenho em diferentes ambientes de criação, como destacado também por Sakomura et al. (2005). De acordo com BRUM et al. (2000), a utilização de uma dieta desequilibrada acarreta um aumento nos custos de produção e prejudica o desempenho dos animais. Assim, é imprescindível possuir informações sobre a composição química e a energia metabolizável (EM) dos ingredientes, a fim de realizar o balanceamento adequado dos nutrientes nas rações, garantindo que as exigências nutricionais dos animais sejam atendidas de maneira eficaz. Dessa forma, o propósito deste estudo foi avaliar o desempenho e as características dos ovos de poedeiras Bovans White alimentadas com dietas com aumento gradual de energia metabolizável e estimar o impacto econômico para cada aumento gradual de energia.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Energia

Na nutrição, o conceito de energia refere-se às reações químicas que ocorrem nos organismos, resultando na liberação de energia. Essa energia é essencial para uma variedade de funções metabólicas e fisiológicas, incluindo o metabolismo basal, atividade física, regulação da temperatura corporal e síntese de compostos necessários para o crescimento e manutenção do organismo (Leeson e Summers, 1997). É importante ressaltar que a energia não é considerada um nutriente em si, mas sim o produto da oxidação dos nutrientes durante o processo de metabolismo. Os nutrientes, como carboidratos, lipídios e proteínas, fornecem energia quando oxidados pelo organismo, sendo assim a fonte primária de energia para suas funções vitais (NRC, 1994). A energia presente nos alimentos desempenha um papel fundamental na nutrição animal e pode ser dividida em diferentes frações, cada uma com sua própria importância e função. Essas frações incluem a energia bruta (EB), que representa a quantidade total de energia contida no alimento; a energia digestível (ED), que é a quantidade de energia que o animal é capaz de absorver após a digestão; a energia metabolizável (EM), que é a energia disponível para o organismo após a digestão e absorção dos nutrientes; e a energia líquida (EL), que é a energia líquida disponível para o animal após a consideração de todas as perdas de energia durante o processo digestivo e metabólico. Essas classificações são cruciais para compreender e formular dietas adequadas para animais, garantindo que suas necessidades energéticas sejam atendidas de forma eficiente e adequada (Bertechini, 2006). O conceito de "energia produtiva", definido por TITUS (1955) foi empregado como a energia líquida, que é avaliada pela comparação da energia retida no corpo das aves em forma de gordura ou proteína, em relação às diferentes quantidades de alimento consumido durante o crescimento ou engorda das aves. Mas, HILL & ANDERSON (1958) demonstraram com seu estudo, que os valores de energia metabolizável exibiam uma menor variação do que os valores de energia produtiva. Assim, a energia metabolizável emerge como a medida mais precisa para expressar a energia disponível dos alimentos para aves.

O teor de energia bruta de um alimento é determinado pelas proporções de seus componentes básicos. Carboidratos, como glicose e amido, fornecem 3,7 kcal/g e 4,2 kcal/g, respectivamente. As proteínas contribuem com 5,7 kcal/g, enquanto os

lipídios são a fonte mais densa de energia, fornecendo 9,4 kcal/g (Penz Júnior et al., 1999). De acordo com Chwalibog (1985) e Macleod & Jewitt (1988), aproximadamente 65% da EM consumida pelas aves é dissipada na forma de calor, restando apenas 35% disponíveis para a produção. Em relação à eficiência de utilização da EM em aves, estudos indicam que varia de acordo com o tipo de nutriente. Groote (1974), relata que a eficiência é aproximadamente de 60%, 90% e 75% para proteínas, lipídios e carboidratos, respectivamente. Essas variações são resultado das diferenças na eficiência de utilização entre os nutrientes, com os valores mais altos observados para lipídios e carboidratos, enquanto os valores mais baixos são associados à fibra dietética e proteína bruta.

O nível de energia é utilizado como ponto de partida para a formulação das dietas, servindo como base para a fixação dos níveis de outros nutrientes (COSTA et al., 2009). Segundo Ribeiro et al. (2011), entre os componentes da ração para poedeiras, a energia representa o maior custo. Um dos fatores cruciais para o sucesso na formulação de rações para aves é o conhecimento preciso do conteúdo energético dos alimentos. Isso possibilita o fornecimento adequado de energia para atender às necessidades das aves. (ALBINO et al.,1992). A exigência de energia para manutenção pode ser descrita como aquela requerida para o metabolismo basal, para produção de calor e atividades normais, estando intimamente ligada ao peso corporal e à temperatura (Grimbergen, 1974). Salientado por Ribeiro et al. (2019), os níveis de energia recomendados para poedeiras comerciais podem variar consideravelmente entre diferentes fontes de informações nutricionais. Essa disparidade pode resultar no uso inadequado de níveis de energia, prejudicando tanto a produtividade quanto a qualidade dos ovos. Portanto, é crucial alcançar um equilíbrio nutricional preciso para atender às exigências energéticas e nutricionais das aves, evitando tanto excessos quanto deficiências que possam comprometer seu desempenho. De acordo com Snetsinger e Zimmerman (1974), nas poedeiras, é comum uma regulação do consumo de ração em resposta ao teor energético da dieta. Contudo, o consumo voluntário de energia muitas vezes ultrapassa as exigências para manutenção e produção de ovos. Acarretando um aumento no peso corporal das aves, elevando as demandas energéticas para manutenção. Como resultado, ocorre uma perda de eficiência energética, além de uma redução na longevidade das aves, levando a uma diminuição na produção de ovos por ave alojada e aumento de custos, visto que as aves consomem mais ração do que necessitam.

Apesar dos avanços significativos no entendimento da energia na nutrição animal, ainda há uma clara necessidade de estudos adicionais para aprimorar nossa compreensão dos requerimentos energéticos específicos das aves, especialmente no contexto da produção comercial. Além disso, é crucial considerar os custos associados à formulação de rações, garantindo que o fornecimento de energia seja eficiente e economicamente viável para otimizar tanto a produtividade quanto a qualidade dos produtos avícolas.

2.2. Energia Metabolizável

A energia metabolizável emerge como o indicador mais preciso para representar a quantidade efetivamente disponível de energia nos alimentos para as aves (Silva, 2008), estando estreitamente relacionada aos requisitos tanto para manutenção quanto para o ganho de peso corporal e/ou produção de ovos (De Groote, 1974; Scott et al., 1982; Spratt et al., 1990; Pesti et al., 1992).

A energia metabolizável aparente (EMA) é uma medida utilizada para estimar a porção de energia ingerida que as aves realmente utilizam. Esse processo começa com a subtração da energia fecal da energia ingerida, resultando na energia digestível aparente. Para determinar essa energia em aves, é necessária coleta do conteúdo ileal terminal após o abate das aves. No entanto, a energia metabolizável aparente pode ser determinada diretamente através da coleta das excretas sem distinção entre fezes e urina. Em essência, tanto a EMA quanto a EMAn são determinadas pela diferença entre a energia presente na dieta consumida e a energia encontrada nas excretas, considerando tanto fezes quanto urina (NRC,1994).

Durante os processos de digestão, absorção e metabolismo dos nutrientes, ocorre uma perda aproximada de 15% da energia por incremento calórico (IC). Notavelmente, o IC das gorduras é inferior ao dos carboidratos e proteínas, o que leva a uma diminuição na utilização desses nutrientes em dietas com maior teor calórico, geralmente através da inclusão de gorduras. As aves têm uma tendência a consumir quantidades específicas de ração para satisfazer suas necessidades energéticas, e para elevar o conteúdo energético da ração, são utilizados óleos e gorduras com baixo IC (NOBAKHT et al., 2011). A presença de lipídios no duodeno desencadeia a liberação do hormônio colecistoquinina, que estimula a secreção pancreática e atua no centro de saciedade, diminuindo assim o consumo de ração. Esses efeitos têm um papel crucial na regulação do consumo alimentar e nas necessidades energéticas das aves. Vale ressaltar que o IC dos nutrientes em poedeiras apresenta algumas diferenças em relação a outras espécies monogástricas, o que destaca a importância da determinação precisa do conteúdo de energia das rações para otimizar a ingestão dos ingredientes pelas aves (OLIVEIRA et al., 2000). Embora as poedeiras comerciais em gaiolas possam exercer certo controle sobre sua ingestão calórica, o aumento da energia dietética pode acarretar uma maior ingestão diária de calorias, potencialmente

influenciando o metabolismo hepático das aves (BERTECHINI, 2012). Ainda não há um entendimento completo sobre a quantidade necessária de energia considerando que essas aves são criadas em piso. D'Alfonso et al. (1996), em sua revisão, investigaram os efeitos de três diferentes níveis de energia metabolizável aparente (EMAn) (2580, 2814 e 3010 kcal/kg), em poedeiras com idades entre 23 e 31 semanas, observaram que o aumento dos níveis de EMAn resultou em uma redução tanto no consumo de ração quanto na ingestão de EMAn. Mas, não foram encontradas correlações significativas entre os diferentes níveis de energia e a produção de ovos, a massa dos ovos ou o peso das aves.

2.3. Regulação da Ingestão Alimentar

Compreendemos que tanto o sistema nervoso central (SNC) quanto o sistema nervoso entérico (SNE) desempenham papéis cruciais na regulação da ingestão alimentar. Esses sistemas formam uma rede de comunicação que integra duas vias principais: a parassimpática, composta por fibras colinérgicas, e a simpática, que inclui fibras noradrenérgicas. Essas vias são dotadas de uma vasta gama de sensores e receptores que orquestram a comunicação entre o intestino e o cérebro, desempenhando um papel fundamental na regulação das funções digestivas e da ingestão alimentar (Konturek et al., 2004). Embora a regulação da ingestão alimentar seja primariamente controlada pelo SNC e SNE, esse processo é influenciado por uma complexa interação de sinais neuroendócrinos sensíveis ao estado metabólico e à ingestão calórica do animal (Munsch et al., 2005). Um exemplo marcante desse mecanismo é a colecistocinina (CCK), um peptídeo intestinal que desempenha um papel crucial na promoção da saciedade (Woods et al., 1998). Pesquisas destacam que a sensação de saciedade após uma refeição é amplamente atribuída à ação da CCK, a qual é liberada pelas células I do trato gastrointestinal em resposta à presença de gordura e proteína. Além de induzir a sensação de saciedade, a CCK também desencadeia a secreção pancreática, a liberação de bile e a contração da vesícula biliar (Konturek et al., 2004).

Portanto, a complexidade da regulação da ingestão alimentar pelos sistemas nervoso central e entérico, é possível reconhecer a importância desses mecanismos na manutenção do equilíbrio nutricional e na promoção da saúde e produtividade dos animais.

3. HIPÓTESES E OBJETIVOS

HIPÓTESES

A redução gradual na quantidade de EM na dieta das galinhas poedeiras resultará em uma diminuição linear na produção de ovos e na qualidade ao longo das 51 semanas de estudo.

A quantidade de EM na dieta das galinhas poedeiras está diretamente relacionada à eficiência econômica da produção de ovos, onde uma dieta específica com teor ótimo de EM resultará em menor custo por unidade de ovo produzido.

OBJETIVO GERAL

Avaliar o desempenho e as características dos ovos de poedeiras Bovans White alimentadas com dietas com reduções graduais de EM.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Avaliar o impacto econômico das dietas com a redução gradual de energia metabolizável.

CAPÍTULO II

NUTRITION

DIETARY ENERGY FOR LAYING HENS

A 51-week egg production assessment of White Leghorn hens fed on a 400 kcal ME/kg range

R. G. D. Menezes*, S. L. Vieira*, D. D. B. Maria*, R. M. Horn*, N. Cruz, and A. Favero[1]

* Department of Animal Science, Federal University of Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 7712, Porto Alegre, RS, Brazil, 91540-000.

[1] Independent Consultant, Rua General Osorio, 95720-000, Garibaldi, Brazil.

[1] Corresponding author: slvieira@ufrgs.br

S. L. Vieira

SUMMARY

Egg production of White Leghorn hens fed diets with decreasing ME contents through 51 wks were evaluated. Hens were allocated into 48 cages in 4 treatments with 12 replicates of two hens each. All hens were fed an adaptation feed from 18 to 24 wks (2,750 kcal ME/kg, 17.2% CP, 4.0% Ca and 0.48% Av. P) and then the experimental feeds from 25 to 76 wks with decreasing energy (2,850, 2,750, 2,650 and 2,550 kcal ME/kg) but with all nutrients commonly formulated. Treatments were distributed into a randomized block design and the analysis of variance used 13 periods of 28 d with repeated measures. Linear responses were observed for BW, feed intake, ME intake, egg weight, egg mass, yolk, albumen, eggshell, as well as eggshell thickness with decreases of 30 g, 2.2 g, 5.3 kcal, 0.7 g, 0.8 g, 0.24 g, 0.57 g, 0.07 g, and 1.82 μm for each 100 kcal ME reduction, respectively ($P < 0.05$). Total egg production was quadratically adjusted with dietary ME reaching a highest point with 350 total eggs per hen and FCR of 1.377 kg/dozen eggs at 2,733 kcal and 2,842 kcal, respectively ($P < 0.05$). The lowest egg production cost associated with the feed was obtained with hens fed 2,650 kcal ME (U$ 0.033 per egg unit) throughout the experimental period.

Key words: laying hens, metabolizable energy, performance, eggs.

DESCRIPTION OF PROBLEM

Energy is required for all physiological processes, including growth, reproduction, body temperature regulation, metabolic activities and synthesis of egg components. However, energy daily intake by laying hens in commercial settings should be optimized with feeds that are able to maintain egg production while maximizing economic returns. Daily energy required by laying hens depends on body weight, age, laying rate, and environment (Sakomura, 2004; Jehl et al., 2019; Barzegar et al., 2020). Laying hens are very effective in adjusting their feed intake (FI) to match their daily energetic needs such that, within practical feed formulation ranges, dietary energy and FI present a reverse relationship. This, eventually, affects the feed conversion ratio (FCR) and egg production costs (Junqueira et al., 2006; Kang et al., 2018).

Practical recommendations of ME for laying hens during egg production may range from 2,760 to 2,880kcal/kg (NRC, 1994; Hendrix Genetics, 2020; Hy-Line, 2023). Feed addition with fat is frequently needed such that minimum dietary linoleic acid contents meet the requirements to sustain egg production and adequate egg weights (Jensen et al.1958; Guenter et al. 1971; Scragg et al. 1987). Supplemental fats to provide linoleic acid, such as the most common vegetable oils, may eventually lead to an increase in dietary ME.

Practical ME recommendations for laying hens have to take in consideration variations in the costs of feed ingredients since variations in their market prices affect final feed costs. This eventually leads to changes in the feed ME contents, which may lead to uncertainty of the potential responses of laying hens. Variations observed in the costs of dietary energy in different regions demand up-to-date information on impact of daily ME intake in egg production such that feed energy content can optimize returns. The present research was conducted to evaluate the impacts on overall performance indicators of Bovans White laying hens fed on graded decreases in ME, starting from the usual ME contents in practical Brazilian feeds. Economic returns on the

investment made on feed energy was taken into consideration using analyses of regression whenever the adjustment was possible.

MATERIAL AND METHODS

All procedures used in the present study were approved by the Ethics and Research Committee of the Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre under the project number 40247.

Hen management

Ninety-six Bovans White laying hens were obtained from a commercial breeder farm (Mercoaves Avicultura LTDA, Bom Princípio, RS, Brazil) with 18 wks of age. Hens were individually weighed at arrival and only hens having the group average body weight ± 5% were placed into experimental cages (0.33 m length, 0.46 m width, 0.40 m height). Arrangement of treatments was randomized with blocking done by placing cage replications longitudinally distributed within the house at the same proportions between treatments. The metal cages have one stainless steel nipple drinker and one plastic trough feeder. The study was conducted in a completely randomized block design with four treatments assigned to 48 replicate cages, totaling 12 replicates per treatment, with 2 hens per replicate. Lights were on 16 hrs a day during the study and environmental temperature targeted bird comfort as suggested by Hendrix Genetics (2020).

Experimental diets and study design

Feeds had corn, soybean meal (SBM) and wheat bran and were formulated as usual by white egg producers in Brazil. Ingredients were mixed in a 500 kg capacity horizontal mixer with feed samples being collected from each feed batch and stored at -20ºC for further analyses. Hens were given *ad libitum* access to feed in the adaptation period (18 to 24 wks) with all birds receiving

a common feed with 2,750 kcal ME/kg, 17.2% CP, 4.0% Ca and 0.48% Av.P. The experimental feeds were provided from 25 to 76 wks of age, which was divided in 13 periods of 28 d each for the sake of statistical analyses and consisted of dietary ME contents of 2,850, 2,750, 2,650 and 2,550 kcal/kg (Table 1).

Laying Performance and Egg Characteristics

Productive performance was analyzed using cumulative data for each of 4 wks period. Observations were done on BW, FI, daily energy intake, hen day and total egg productions, FCR per dozen and kg of eggs, egg contents and egg mass and body weight change. The feeding cost to produce one egg unit was calculated using Brazilian and U$ currencies at the exchange rates obtained on 01/03/2024. Eggs were collected 4 times a day (08:30 am, 11:00 am, 2:00 pm, and 4:00 pm). Egg contents and eggshell thickness were recorded with 30 eggs per treatment collected on three consecutive days at 36, 48, 60, and 72 wks of age. Shell, albumen, and yolk percentage were calculated as their proportion of egg weight. Eggshell weight was obtained after washing using filtered water and drying shells at 105˚C overnight, whereas eggshell thickness was measured using a digital micrometer (Model I P65; Mitutoyo Corp., Kawasaki, Japan) three times in the equatorial region, with these values being averaged for statistical analysis.

ME determination

An assay for determination of the apparent ME of the treatment feeds was conducted during the last three days of the trial. A pool of feeds provided throughout the study, previously stored at -20 ^{o}C, was mixed and added with 1% insoluble marker (Celite, Celite Corp., Lompoc, CA). This was provided for three days with the corresponding excreta collected twice daily on aluminum foil trays. Excreta was pooled by cage and stored at -20 ºC, for dry matter (DM) analysis, which was carried out after drying the samples at 105 °C for 16 h (method 934.01; AOAC International,

2006). Excreta and feed samples were analyzed for gross energy (GE) using a calorimeter calibrated with benzoic acid as a standard (IKA Werke, Parr Instruments, Staufen, Germany). Calculations of ME were done afterwards. Acid insoluble ash in excreta and diets were determined as described by Vogtmann et al. (1975) and Choct and Annison (1992). Calculations of ME was done as suggested by Kong and Adeola, 2014.

Statistical Analysis

Data were tested for homoscedasticity and normality of the variance (Levene, 1960; Shapiro and Wilk, 1965) prior to other statistical analyses. Analysis of variance was performed using the PROC MIXED model procedure of SAS with effects of dietary treatments and periods, as well as their interactions, using the repeated statement of SAS program (SAS, 2013). Akaike's information criterion was used to indicate the relative goodness-of-test for each covariate structure. The Tukey-Kramer test was used for means comparison, where differences were considered significant at $P < 0.05$ (Tukey, 1991). Regression analyses were conducted for the effects of dietary ME using linear (L) and quadratic polynomial (QP) models.

Egg production feeding cost

The cost per dozen eggs associated with feed intake was calculated using the corresponding overall FCR of each treatment. Feed ingredient market prices were updated to the current in Brazil in March of 2024 (Table 5).

RESULTS

Feed formulations as well as CP, GE, Ca and P analyses are presented in Table 1. Feed ME contents evaluated at the end of the experiment were 2,866, 2,727, 2,632, 2,532 kcal ME/kg, which were acceptable for the planned experimental assessment since they were close to the expected

values of 2,850, 2,750, 2,650, 2,550 kcal ME/kg. Overall, there were no interactions between dietary ME and period on the responses evaluated ($P > 0.05$).

Performance

Performance results are presented in Table 2. There were treatment effects on all performance data evaluated ($P < 0.05$). Regression analyses showed that dietary ME had linear relationships with BW, daily ME intake, egg weight, egg mass, and FI as follow: Body weight = $Y = 891.95351 + 0.26973x$, R^2 0.0907 =, $P < 0.001$; daily intake kcal/day = $174.75915 + 0.04790x$ $R^2 = 0.1176$, $P < 0.001$; egg weight = $45.09732 + 0.00632$ x, $R^2 = 0.0618$, $P < 0.001$; egg mass = $39.38019 + 0.00744x$; $R^2 = 0.0395$; $P < 0.001$; and feed intake = $165.41294 – 0.1968x$; $R^2 = 0.1176$, $P < 0.001$. On the other hand, the reduction in ME led to quadratic responses for total egg production and FCR (kg/dozen) as follow: total eggs produced = $- 242.8669422 + 0.2484120x - 0.0000455x2$, $R^2 = 0.0098$, $P < 0.0497$; FCR (kg/dozen) = $9.567823249 - 0.005763746x + 0.000001014x^2$, $R^2 = 0.1045$, $P < 0.001$. The linear effects for BW, FI, daily intake kcal/day, egg weight and egg mass led to 30g, 2.2 g, and 5.3g increase, and 0.7 g and 0.8 g decreases for every 100 kcal of ME reduction in the feeds, respectively. Quadratic adjustments showed the highest egg production occurring when hens were fed at 2,733 kcal/kg ME with a maximum hen day egg production of 96.2% or a total of 350 eggs per hen in the 51 wk cycle. Feed conversion ratio was optimized at 2,842 kcal/kg with a an FCR of 1,377 kg/dozen.

Feed costs are presented in Table 1 and show the lowest feed related production costs occurring when hens were fed 2,650 kcal/kg ME.

Egg quality

Results from egg composition are summarized in Table 3. Effects of ME were found for all evaluated variables ($P < 0.05$), except for the percentage of albumen and eggshell ($P > 0.05$).

157 On the other hand, all period variables showed effects ($P < 0.05$), except for the percentage of
158 albumen ($P > 0.05$). Reducing ME led to a decrease in the weight of the egg yolk, albumen and
159 eggshell, as well as eggshell thickness (Yolk = 10.910000 + 0.00214x, $R^2 = 0.0309$, $P < 0.001$;
160 albumen = 25.32007 + 0.00515x, $R^2 = 0.0370$, $P < 0.001$; eggshell = 4.14856 + 0.00070685x, R^2
161 = 0.0429, $P < 0.001$; thickness = 446.97495 – 0.01632x, $R^2 = 0.0131$, $P < 0.001$). The linear
162 decreases in albumen weight, yolk weight, eggshell weight and eggshell thickness had respective
163 reductions of 0.57, 0.24, 0.07 g, and 1.82 μm for every 100 kcal ME/kg reduction ($P < 0.05$).
164
165 **DISCUSSION**
166 Reducing the dietary ME for 51 wks significantly influenced the performance of laying
167 hens. Many responses were linear, however, egg production and FCR were quadratically adjusted
168 indicating that the hens needed more daily dietary energy to optimize their FCR and maintain egg
169 production, but lower ME contents were needed when it comes to the economics of production
170 cost.
171 In the present study there was clear evidences that feed intake was increased as dietary
172 energy decreased. This has been previously demonstrated by Wu et al. (2005; 2007) and others.
173 The two highest dietary ME treatments showed to lead to an increase in daily egg production, egg
174 weight and body weight compared to the others. This is relevant and show that hens fed low energy
175 diets for long periods may have a negative impact on egg production. The reduction in body weight
176 as hens advanced in the feeding program with reduced ME occurred in parallel to the ME intake.
177 It seems that the hens fed on lower ME continued to produce eggs at the expense of their energy
178 reserves until 76 wks of age. Unfortunately, this study did not follow through circa 100 wks, which
179 are practical commercial white hen cycles. Therefore, we can only suppose that the lower
180 production of hens fed the lower ME feeds could accentuate if another 30-40 wks period followed.

Regarding egg weight, the present study obtained a linear reduction of 0.7 g for every 100 kcal reduction. Similar results were found by Harms et al., (2000) when 2,519 kcal ME was compared to 3,078 kcal ME with an increase of 2.1g in egg weight with the highest ME. Therefore, reducing ME contents seem to be a good strategy to reduce egg weight from extra to large whenever this condition reduce egg salability, which frequently occurs in the last periods of production. In parallel, reducing ME in the feeds affected several egg quality characteristics, including yolk, albumen and shell weight, as well as shell thickness. Increases in egg yolk proportion occur as chickens age, which is concurrent with a reduction in eggshell thickness. This is correlated with the increase in egg weight as it has been shown previously (McDaniel et al., 1981; Noetzold et al., 2022 a,b). Increasing energy in the feeds as laying hens advance in age and body weight leads to heavier yolks due to the corresponding increase in daily caloric intake, resulting in heavier eggs with a higher proportion of yolks (Leeson and Summers, 2005).

Egg production costs related to feed consumed varied according to dietary ME content with graded increases as energy content were higher. Although layers fed diets with higher energy contents in the present study had lower FCR and produced a few more eggs, those fed low energy diets were more cost efficient in terms of the cost per egg produced over the evaluated period. The results highlight the importance of taking dietary energy content into account when formulating diets for layers in production, not only aiming for production performance, but also considering egg quality and economic efficiency. In a context in which the use of alternative raw materials allow for the reduction in feed costs, this study suggests the need to investigate whether the option for the use of feed ingredients having higher fiber and, therefore, lower energy content, allows for better economic returns.

CONCLUSIONS AND APPLICATIONS

1. White Leghorn laying hens respond to dietary energy to reduction in feed intake and FCR.
2. The overall egg production characteristics from peak of laying to 76 wks indicate that hens fed with 2,650 kcal ME/kg present the best economic response.
3. Outcomes from the present study can be used to predict the impact of dietary energy on the final production costs when using Bovans White laying hens.

ACKNOWLEDGMENTS

Authors wish to thank Coordenacão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), and Mercoaves Avicultura LTDA.

DISCLOSURES

All authors declare that they have no conflict of interest or personal relationships that could have appeared to influence the work reported in this article.

REFERENCES

AOAC International. 2006. Official Methods of Analysis. 18th ed. Gaithersburg, MD, US: Association of Official Analyses Chemists.

Barzegar, S., S. Wu, M. Choct, and R. A. Swick. 2020. Factors affecting energy metabolism and evaluating net energy of poultry feed. Poult. Sci. 99:487-498. doi: 10.3382/ps/pez554.

Choct, M., and G. Annison. 1992. Anti-nutritive effect of wheat pentosans in broiler chickens: roles of viscosity and gut microflora. Br. Poult. Sci. 33:821-834. doi: 10.1080/00071669208417524.

228 Costa, F. G. P., J. S. Costa, C. C. Goulart, D. F. F. Lima, R. C. L. Neto, and B. J. S. Quirino.
229 2009. Metabolizable energy levels for semi-heavy laying hens at the second production cycle. R.
230 Bras. Zootec. 38:857-862. doi: 10.1590/S1516-35982009000500011.

231 Guenter, W., D. B. Bragg, and P. A. Kondra, 1971. Effect of dietary linoleic acid on fatty
232 acid composition of egg yolk, liver and adipose tissue. Poult. Sci. 50:845–850. doi:
233 10.3382/ps.0500845.

234 Harms, R. H., G. B. Russell, and D. R. Sloan. 2000. Performance of four strains of
235 commercial layers with major changes in dietary energy. J. Appl. Poult. Res. 9:535-541. doi:
236 10.1093/japr/9.4.535.

237 Hendrix Genetics. 2020. Nutrition Management Guide. Version L7121-2. Boxmeer, the
238 Netherlands.

239 Hy-Line International. 2023. W-80 Management Guide. West Des Moines. IA.

240 Jehl, F., C. Désert, C. Klopp, M. Brenet, A. Rau, S. Leroux, M. Boutin, L. Lagoutte, K.
241 Muret, Y. Blum, D. Esquerré, D. Gourichon, T. Burlot, A. Collin, F. Pitel, A. Benani, T. Zerjal,
242 and S. Lagarrigue. 2019. Chicken adaptive response to low energy diet: main role of the
243 hypothalamic lipid metabolism revealed by a phenotypic and multi-tissue transcriptomic approach.
244 BMC Genomics. 20:1033. doi: 10.1186/s12864-019-6384-8.

245 Jensen, L. S., J. B. Allred, R. E. Fry, and J. McGinnis, 1958. Evidence for an unidentified
246 factor necessary for maximum egg weight in chickens. J. Nutr. 65:219–233. doi:
247 10.1093/jn/65.2.219.

248 Junqueira, O. M., A. C. Laurentiz, R. S. E. A. Filardi, and E. M. Casartelli. 2006. Effects of
249 energy and protein levels on egg quality and performance of laying hens at early second production
250 Cycle. J. Appl. Poult Res. 15:110-115. doi: 10.1093/japr/15.1.110.

Kang, H., S. B. Park, J. J. Jeon, H. S. Kim, K. T. Park, S. H. Kim, E. C. Hong, and C. H. Kim. 2018. Effect of increasing levels of apparent metabolizable energy on laying hens in barn system. Asian-Australas J. Anim. Sci. 11:1766-1772. doi: 10.3390/ani12243513.

Kong, C., and O. Adeola. 2014. Evaluation of amino acid and energy utilization in feedstuff for swine and poultry diets. Asian-Australas J. Anim. Sci. 27:917-925. doi: 10.5713/ajas.2014.r.02.

Leeson, S., and J. D. Summers. 2005. Commercial Poultry Nutrition. 3rd ed. Nottingham University Press, Nottingham, UK.

Levene, H. 1960. Robust Tests for the Equality of Variance Contributions to probability and statistics. I. Olkin. Stanford University Press, Palo Alto, CA, 278-292.

McDaniel, J. Brake, and M. K. Eckman. 1981. Factors that affect the performance of breeding matrices: 4. The interrelationship of some reproductive characteristics. Poult. Sci. 60: 1792 – 1797. doi: 10.3382/ps.0601792.

Noetzold, T. L., S. L. Vieira, B. B. Xavier, Y. J. Olabarriaga, and A. K. Fireman. 2022a. Supplemental effects of amino acid-complexed trace minerals on broiler breeder hen performance. Anim. Feed Sci. Technol. 209:0377-8401. doi: 10.1016/j.anifeedsci.2022.115371.

Noetzold, T. L., S. L. Vieira, R. M. Horn, C. R. Freitas, and A. K. Fireman. 2022b. Improved offspring performance of broiler breeder hens fed amino acid complexed trace minerals. J Appl Poult Res. 31:1056-6171. doi: 10.1016/j.japr.2022.100284.

NRC, National Research Council. 1994. Nutrient Requirements of Poultry, 9th rev ed. Washington, DC, US: Natl. Acad. Press.

Rosniecek, M., Schneider A., Souza C., Oliveira V. and Gewehr C. 2015. Energy levels metabolizable of the white laying hen rearing in the open shelter. 20:149-154. Arch. Vet. Sci. doi: 10.5380/avs.v20i2.37380

Sakomura, N. K. 2004. Modeling energy utilization in broiler breeders, laying hens and broilers. Braz. J. of Poult. Sci. 6:1-11. doi: 10.1590/S1516-635X2004000100001.

SAS User's Guide. 2013. Version 9.4. Cary, NC: SAS Institute Inc.

Scragg, R. H., Logan, N. B., and N. Geddes. 1987. Response of egg weight to the inclusion of various fats in layer diets. Br. Poult. Sci. 28:15–21. doi:10.1080/00071668708416932.

Shahram, B., W. Shu-Biao, J. Noblet, and R. A. Swick. 2019. Metabolizable energy of corn, soybean meal and wheat for laying hens. Poult Sci. 98(11):5876-5882.

Shapiro, S. S., and M. B. Wilk. 1965. An analysis of variance test for normality (complete samples). Biometrika. 52,591-611. doi: 10.2307/2333709.

Tukey, J. W. 1991. The philosophy of multiple comparisons. Stat.Sci. 6:100-116. doi: 10.1214/ss/1177011945.

Vogtmann, H., P. Frirter, and A. L. Prabuck. 1975. A new method of determining metabolisability of energy and digestibility of fatty acids in broiler diets. Br. Poult. Sci. 16:531-534. doi: 10.1080/00071667508416222.

Wu, G., M. M. Bryant, P. Gunawardana, and D. A. Roland Sr. 2007. Effect of nutrient density on performance, egg components, egg solids, egg quality, and profits in eight commercial leghorn strain during phase one. Poult. Sci. 86:691-697. doi: 10.1093/ps/86.4.691.

Wu, G., M. M. Bryant, R. A. Voitle, and D. A. S. Roland. 2005. Effect of dietary energy on performance and egg composition of Bovans White and Dekalb White hens during phase I. Poult Sci. 10:1610-1615. doi: 10.1093/ps/84.10.1610.

Table 1. Composition of feeds having graded decreases in metabolizable energy (ME) supplied to white Leghorn laying hens from 25 to 76 wks[1].

Ingredients, %.	ME, kcal/kg[2]			
	2,550	2,650	2,750	2,850
Corn	53.70	57.49	57.54	54.98
Soybean meal 45%	24.19	23.60	18.43	10.72
Wheat bran	8.19	2.00	-	-
Full fat soy	1.00	4.00	11.11	21.39
Limestone	10.32	10.23	10.20	10.18
Dicalcium phosphate	1.67	1.80	1.84	1.84
Salt	0.42	0.42	0.42	0.42
Vitamin-mineral mix[2]	0.30	0.30	0.30	0.30
DL-Methionine 99%	0.16	0.15	0.15	0.16
L-Lysine 78%	0.04	-	-	-
L-Threonine 98%	0.01	0.01	0.01	0.01
Total	100.00	100.00	100.00	100.00
U$/kg	0.278	0.285	0.293	0.313
	Formulated composition, % or as shown[3]			
ME, kcal/kg	2,550	2,650	2,750	2,850
CP	17.00 (17.9 ± 0.73)	17.00 (17.80 ± 0.12)	17.00 (17.49 ± 0.33)	17.00 (17.59 ± 0.20)
Ca	4.20 (4.2 ± 0.08)	4.20 (4.43 ± 0.15)	4.20 (4.39 ± 0.28)	4.20 (4.34 ± 0.23)
Av P	0.42	0.42	0.42	0.42
Total P	0.69 (0.68 ± 0.04)	0.69 (0.69 ± 0.05)	0.69 (0.66 ± 0.05)	0.69 (0.67 ± 0.03)
Na	0.18			
Dig. Lys	0.82			
Dig. TSAA	0.65			
Dig. Thr	0.56			
Dig. Trp	0.18			
Dig. Arg	1.03		1.04	
Dig. Val	0.71	0.73	0.74	0.77

[1]Supplied the following per kg of feed: Cu, 10 mg; Zn, 110 mg; Fe,50 mg; Se, 0.15 mg; I, 2 mg; vitamin A, 12,000 IU; vitamin D3, 3,000 IU; vitamin E, 100 IU; vitamin K3, 6mg; vitamin B12, 40 mg; thiamine, 3.5mg; riboflavin, 16mg; vitamin B6, 6mg; niacin,40mg; pantothenic acid,25mg; folic acid, 4mg; biotin, 0.3mg.

[2]Analyzed: 2,532, 2,632, 2,727 and 2,866 kcal/kg.

[3]Values within parenthesis are analyzed.

Table 2. Performance and egg characteristics of white Leghorn laying hens fed on graded decreases of ME from 25 to 76 wks.

ME, kcal/kg[1]	Body weight	Daily intake		Egg weight	Egg mass	Hen/d egg production	Total eggs[3]	FCR	FCR	Feeding cost[4]	Feeding cost[5]
	g	g/bird/day	kcal/day[2]	g		%		kg/kg	kg/dozen	US$[6] /dozen	R$ /dozen
2,550	1,568	116^{a}	296^{c}	61.0^{b}	57.8^{b}	94.9^{b}	345^{b}	1.996^{a}	1.460^{a}	0.406	2.033
2,650	1,602	114^{ab}	302^{bc}	61.7^{ab}	60.1^{ab}	97.1^{a}	353^{a}	1.896^{b}	1.404^{b}	0.400	2.002
2,750	1,638	111^{b}	305^{ab}	62.2^{ab}	60.3^{a}	96.9^{ab}	352^{a}	1.851^{bc}	1.378^{b}	0.404	2.019
2,850	1,656	110^{b}	313^{a}	63.2^{a}	61.1^{a}	96.5^{ab}	351^{ab}	1.799^{c}	1.364^{b}	0.427	2.135
Period, wks											
25-28	1,553^{f}	102^{c}	276^{c}	57.2^{f}	51.7^{c}	90.4^{f}	-	1.978^{a}	1.355^{cd}	0.396	1.980
29-32	1,570^{ef}	112^{b}	302^{ab}	60.7^{e}	60.0^{ab}	98.9^{a}	-	1.881^{bc}	1.361^{d}	0.398	1.989
33-36	1,602^{d}	113^{ab}	305^{ab}	61.8^{cde}	60.6^{ab}	98.2^{abc}	-	1.875^{bc}	1.386^{bcd}	0.405	2.025
37-40	1,639^{bc}	112^{ab}	303^{ab}	62.3^{bc}	61.4^{a}	98.7^{ab}	-	1.836^{c}	1.369^{cd}	0.400	2.000
41-44	1,655^{ab}	113^{ab}	305^{ab}	60.9^{de}	59.0^{b}	96.8^{bcd}	-	1.926^{ab}	1.405^{abcd}	0.411	2.053
45-48	1,599^{de}	115^{ab}	310^{ab}	62.4^{bc}	60.2^{ab}	96.5^{abcde}	-	1.912^{abc}	1.431^{ab}	0.418	2.091
49-52	1,605^{de}	114^{ab}	307^{ab}	62.6^{bc}	60.8^{ab}	97.2^{abcd}	-	1.880^{bc}	1.411^{abc}	0.412	2.062
53-56	1,626^{bcd}	114^{ab}	308^{ab}	63.3^{ab}	61.9^{a}	97.9^{abcd}	-	1.847^{bc}	1.400^{abcd}	0.409	2.046
57-60	1,611^{cd}	114^{ab}	307^{a}	63.1^{bc}	60.8^{ab}	95.9^{abcde}	-	1.846^{bc}	1.398^{abcd}	0.409	2.043
61-64	1,620^{bcd}	112^{b}	303^{b}	62.2^{bcd}	60.6^{ab}	97.1^{cd}	-	1.854^{bc}	1.390^{bcd}	0.406	2.031
65-68	1,679^{a}	115^{a}	310^{a}	63.2^{b}	60.2^{ab}	95.4^{de}	-	1.915^{ab}	1.449^{a}	0.423	2.117
69-72	1,620^{bcd}	113^{ab}	305^{ab}	62.6^{bc}	58.9^{b}	93.8^{e}	-	1.898^{bc}	1.425^{ab}	0.416	2.082
73-76	1,599^{de}	114^{ab}	309^{ab}	64.4^{a}	61.6^{a}	95.8^{cde}	-	1.868^{bc}	1.441^{a}	0.421	2.106
SEM	4.562	0.282	0.741	0.127	0.164	0.193	0.688	0.0068	0.0043	-	-
Probability											
Energy	0.0636	0.0034	0.0004	0.0525	0.0088	0.0459	0.0435	<0.0001	<0.0001	-	-
Period	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	-	<0.0001	<0.0001	-	-
Energy*period	0.1085	0.1620	0.2843	0.8313	0.0743	0.0704	-	0.0509	0.0522	-	-

[a-e] Means with different letters in the same column indicate significant differences (P < 0.05).

[1]Analyzed: 2,532, 2,632, 2,727 and 2,866 kcal/kg respectively.

[2]Intake/hen/day*feed kcal/1,000.

[3]Total eggs set at the end of 13 periods of 28 d.

[4] Feeding cost was based on the multiplication between the diet cost and the FCR; diet cost (US$) for 2,550; 2,650; 2,750; 2,850 kcal/kg were: US$ 0.278, US$ 0.285, US$ 0.293, US$ 0.313, respectively.

[5] Feeding cost was based on the multiplication between the diet cost and the FCR; diet cost (R$) for 2,550; 2,650; 2,750; 2,850 kcal/kg were: R$ 1,393, R$ 1,426, R$ 1,465, R$ 1,565, respectively.

Table 3. Effects of diets with gradual decreases of ME on egg characteristics of white Leghorn laying hens from 25 to 76 wks.

	Albumen	Yolk	Shell	Albumen	Yolk	Shell	Thickness
ME, kcal/kg[1]	g			%			µm
2,550	38.8[c]	16.4[b]	5.9[b]	63.3	26.9[b]	9.7	402[a]
2,650	39.0[bc]	17.0[a]	6.0[b]	63.0	27.5[a]	9.7	401[a]
2,750	39.6[ab]	17.0[a]	6.1[a]	63.2	27.1[ab]	9.7	396[b]
2,850	40.3[a]	17.3[a]	6.1[a]	63.3	27.2[ab]	9.6	390[b]
Period, wks							
36	38.4[c]	16.3[c]	6.1[a]	63.1	26.8[c]	10.1[a]	417[a]
48	39.1[b]	17.1[b]	6.1[a]	63.1	27.4[ab]	9.9[b]	399[b]
60	39.9[a]	17.0[b]	6.0[a]	63.2	27.1[bc]	9.6[c]	393[c]
72	40.3[a]	17.5[a]	5.9[b]	63.3	27.5[a]	9.2[d]	386[d]
SEM	0.102	0.042	0.013	0.064	0.059	0.021	0.070
Probability							
Energy	<0.0001	<0.0001	<0.0001	0.0767	0.0122	0.6087	0.0001
Period	<0.0001	<0.0001	<0.0001	0.7886	<0.0001	<0.0001	<0.0001
Energy*period	0.0701	0.0976	0.0825	0.1118	0.1031	0.0632	0.0836

[a-e] Means with different letters in the same column indicate significant differences ($P < 0.05$).

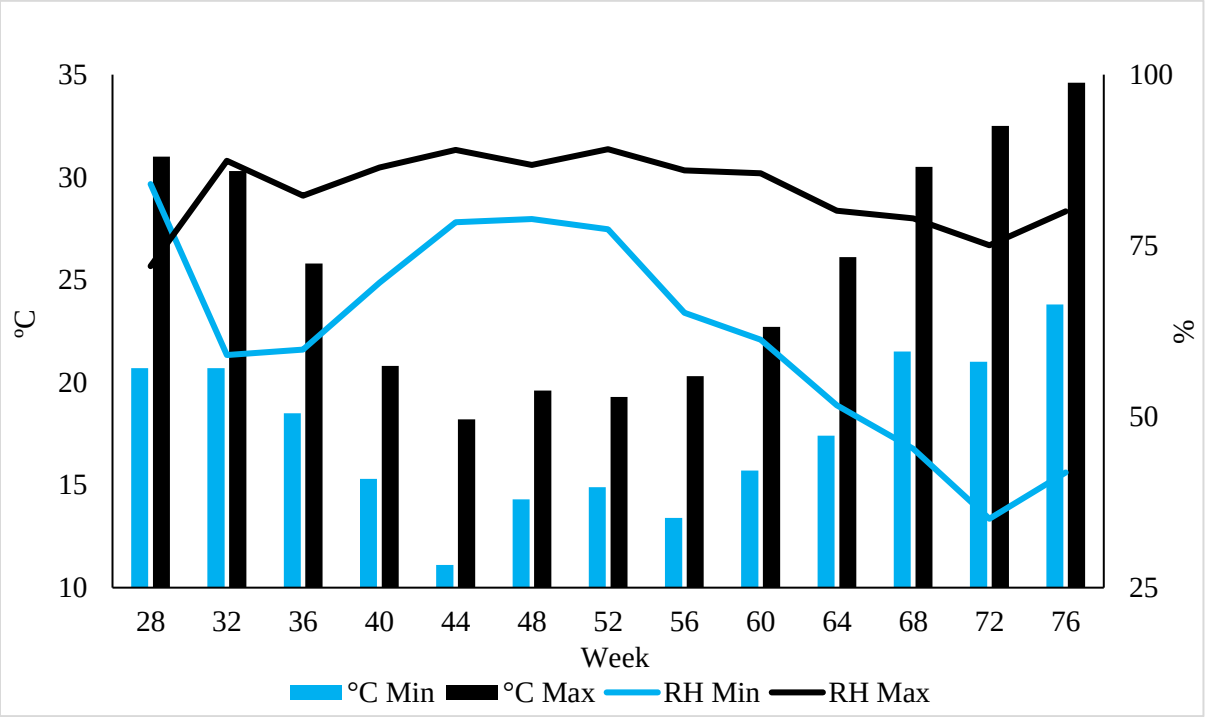
[1]Recovered values of ME 2,550, 2,650, 2,750 and 2,850 kcal/kg were: 2,532, 2,632, 2,727 and 2,866 kcal/kg respectively.

313 **Table 4.** Regression equations of white Leghorn laying hens fed diets with gradual ME decreases from 25 to 76 wks.

Item	Regression equations	Model[1]	R^2	P	Maximum ME (kcal/kg)
Body weight, g	$Y = 891.95351 + 0.26973x$	L	0.0907	<0.0001	- 30g
Feed intake, g/bird/day	$Y = 165.41294 – 0.01968x$	L	0.1176	<0.0001	- 2.2
ME daily intake, kcal/day	$Y = 174.75915 + 0.04790x$	L	0.1176	<0.0001	- 5.3
Egg weight, g	$Y = 45.09732 + 0.00632x$	L	0.0618	<0.0001	- 0.7
Hen day egg production, %	$Y = -169.7687295 + 0.1946032x – 0.0000356x^2$	Q	0.0092	0.0449	2,733
Egg mass, g	$Y = 39.38019 + 0.00744x$	L	0.0395	<0.0001	- 0.8
FCR, kg/dozen	$Y = 9.567823249 - 0.005763746x + 0.000001014x^2$	Q	0.1045	<0.0001	2,842
Yolk, g	$Y = 10.910000 + 0.00214x$	L	0.0309	<0.0001	- 0.24
Albumen, g	$Y = 25.32007 + 0.00515x$	L	0.0370	<0.0001	- 0.57
Eggshell, g	$Y = 4.14856 + 0.00070685x$	L	0.0429	<0.0001	- 0.07
Eggshell thickness, µm	$Y = 446.97495 – 0.01632x$	L	0.0131	0.0046	- 1.82

314 [1]Linear model ($Y = \beta1 + \beta2X$) has Y as the dependent variable and X as dietary ME (kcal/kg), β1 as the intercept, and β2 as the linear coefficient. Quadratic
315 polynomial model: $Y = \beta1 + \beta2 \times ME + \beta3 \times (ME)^2$) has Y as the dependent variable as a function of AME in the diet; β1 as the intercept; β2 as the linear coefficient
316 and β3 as the quadratic coefficient. The maximum response for ME was defined as $ME = - \beta2 \div (2 \times \beta3)$.

317 **Figure 1.** Temperature and relative humidity throughout the trial.



CAPÍTULO III

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou uma análise abrangente sobre o impacto dos níveis de energia metabolizável na produção de ovos de galinhas poedeiras Bovans White ao longo de 51 semanas. Os resultados obtidos demonstram a importância crucial da energia metabolizável na formulação da dieta das aves, influenciando diretamente seu desempenho e a qualidade dos ovos produzidos.

Ao longo do período de avaliação, foi observado que os maiores níveis de EM, resultaram em melhorias significativas no peso e na massa dos ovos, indicando uma correlação positiva entre a energia disponível na dieta e a produção de ovos. Além disso, foi constatado que o consumo de ração diminuiu linearmente em resposta ao aumento da energia metabolizável, evidenciando a eficiência no uso dos recursos alimentares pelas aves.

A análise econômica revelou que o menor custo de produção de ovos foi alcançado em 2.650 kcal EM/kg na dieta, ressaltando a importância de um planejamento nutricional preciso para otimizar não apenas o desempenho das aves, mas também a rentabilidade da produção de ovos.

Estes resultados desempenham um papel significativo no avanço da compreensão científica no campo da nutrição animal, oferecendo informações importantes para a indústria avícola no desenvolvimento de abordagens mais eficazes e sustentáveis para a produção de ovos. No entanto, é importante reconhecer que este estudo representa apenas um ponto de partida. Futuras pesquisas poderiam explorar de forma mais aprofundada outras variáveis nutricionais e examinar o impacto de diferentes estratégias de manejo na produção de ovos de galinhas poedeiras, permitindo uma análise mais abrangente e precisa deste aspecto essencial da produção avícola.

Portanto, podemos concluir que a EM desempenha um papel crucial na nutrição e desempenho das aves poedeiras. No entanto, há espaço para investigações adicionais visando explorar ainda mais esse aspecto. A manipulação adequada da EM pode potencialmente gerar benefícios na indústria da avicultura, constituindo um interessante ponto de partida para futuros experimentos e estudos mais aprofundados nesta área.

5. REFERÊNCIAS

ABPA. **Relatório Anual da Produção de Ovos no Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira de Proteína Animal, 2023. Disponível em: https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2023/04/Relatorio-Anual-2023.pdf. Acesso em: 10/01/2023.

BRUM, P. A. R.; ZANOTTO, D. L.; LIMA, G. J. M. M.; VIOLA, E. S. Composição química e energia metabolizável de ingredientes para aves. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, DF, v. 35, n. 5, p. 995-1002, 2000.

BOUGON, M.; JOLY, P. Influence du niveau énergétique sur les performances des pondeuses à oeufsroux et évolution de l'ingéré en fonction de l`âge. **Journée de la Recherche Avicole**, Tours, v. 2, p. 115–120, 1997.

COON, N. C. Feeding egg-type replacement pullets. *In*: BELL, D. D. **Commercial chicken meat and egg production 5th**. Massachusetts: Kluwer Academic, 2002. p. 287-393.

COSTA, F. G. P.; SOUZA, H. C.; GOMES, C. A. V.; BARROS, L.R.; BRANDÃO, P. A.; NASCIMENTO, G. A. J.; SANTOS, A.W. R.; AMARANTE JUNIOR, V. S. Níveis de proteína bruta e energia metabolizável na produção e qualidade dos ovos de poedeiras da linhagem Lohmann Brown. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 28, n. 6, p. 1421-1427, nov./dez. 2004.

COSTA, F. G. P.; QUIRINO, B. J. S.; GIVISIEZ, P. E. N. *et al*. Poedeiras Alimentadas com Diferentes Níveis de Energia e Óleo de Soja na Ração. **Archivos de Zootecnia**, Córdoba, v. 58, n. 223, p. 405-411, 2009.

D'ALFONSO, T. H.; MANBECK, H. B.; ROUSH, W. B. Effect of day to day variation of dietery energy on residual feed intake of laying hens. **Poultry Science**, Champaign, v. 75, p. 362-369. 1996.

DE GROOTE, G. Utilization of metabolizable energy. *In*: MORRIS, T.R.; FREEMAN, B.M. (eds.). **Energy requirements of poultry**. Edinburgh: British Poultry Science, 1974. p. 113-133.

EMMANS, G.C. Growth, body composition and feed intake. **World's Poultry Science Journal**, Cambridge, v. 43, p. 208-227, 1987.

FARIA, D. E.; SANTOS, A. L. Exigências nutricionais de galinhas poedeiras. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DE AVES E SUÍNOS, 2005, Viçosa. **Anais**[...]. Viçosa: UFV, 2005. p. 229-315.

GRIMBERGEN, A. H. M. Energy expenditure under productive conditions. *In*: MORRIS, T. R.; FREEMAN, B. M. (ed.). **Energy requirements of poultry**. Edinburgh: British Poultry Science, 1974. p. 61-71.

GROBAS, S.; MENDEZ, J.; DE BLAS, C.; MATEOS, G. G. Laying hen productivity as affected by energy, supplemental fat, and linoleic acid

concentration of the diet. **Poultry Science**, Champaign, v. 78, p. 1542–1551, 1999.

GUNAWARDANA, P.; ROLAND, D. A.; BRYANT, M. M. Effect of dietary energy, protein, and a versatile enzyme on hen performance, egg solids, egg composition, and egg quality of Hy-line W-36 hens during second cycle, phase two. **Journal of Applied Poultry Research**, Athens, v. 18, n. 1, p. 43–53, 2009.

HARMS, R. H. Specifications for feeding commercial layers based on daily feed intake. **Feedstuffs**, [S. l.], v. 53, n. 47, p. 40-41, 1981.

HARMS, R. H.; RUSSELL, G. B.; SLOAN, D. R. Performance of four strains of commercial layers with major changes in dietary energy. **The Journal of applied poultry research**, Athens, v. 9, p. 535–541, 2000.

HILL, F. W.; ANDERSON, D. L.; DANSKY, L. M.. Studies of the energy requirements of chickens: 3. The effect of dietary energy level on the rate and gross efficiency of egg production. **Poultry science**, Champaign, v. 35, p. 54-59, 1956.

JUNQUEIRA, O. M. ET AL. Effects of energy and protein levels on egg quality and performance of laying hens at early second production cycle. **Journal of Applied Poultry Research**, Athens, v. 15, n. 1, p. 110–115, 2006.

KONTUREK, S. J.; KONTUREK, J. W.; PAWLIK, T.; BRZOZOWKI T. Brain gut axis and its role in the control of food intake. **Journal of Physiology and Pharmacology**, Warszawa, n. 55, p. 137-54, 2004.

MCDONALD, M. W. Feed intake of laying hens. **World's Poultry Science Journal**, Ithaca, v. 34, p. 209-221, 1978.

MORRIS, T. R. Nutrition of chicks and layers. **World’s Poultry Science Association**, Ithaca, v. 60, p. 5-12, 2004.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL – NRC. **Nutrient requirements of poultry**. 9. ed. Washington, DC: National Academy of Science, 1994. 157 p. (Nutrient requirements of domestic animals).

NOBAKHT, Ali; TABATBAEI, Shahram; KHODAEI, Sabir. Effects of Different Sources and Levels of Vegetable Oils on Performance, Carcass Traits and Accumulation of Vitamin E in Breast Meat of Broilers. **Journal of Biological Sciences**, Iran, v. 3, n. 6, p. 601-605, 2011.

OLIVEIRA, RITA F. M. *et al*. Níveis de energia metabolizável para frangos de corte de 1 a 21 dias de idade mantidos em ambiente de alta temperatura. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, MG, v. 29, n. 3, p. 810-816, 2000.

PESTI, G. M.; DORFMAN, J. H.; GONZALES, M. J. Comparison of equations for predicting the metabolizable energy intake of laying pullets. **British Poultry Science**, Edinburgh, v. 33, p. 553-9, 1992

RODRIGUES, P. B.; ROSTAGNO, H. S.; ALBINO, L. F. T. *et al*. Valores energéticos da soja e subprodutos da soja, determinados com galos adultos cecectomizados. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, MG, v. 31, n. 4, p. 1771-1782, 2002.

ROSA, A.P.; ZANELLA, I.; THEIR, J.; VIEIRA, N. S. Influência de diferentes níveis de proteína bruta e energia metabolizável no desempenho de poedeiras Rhode Island Red na fase. **Revista brasileira de zootecnia**, Viçosa, MG, v. 26, n. 1, p. 159-163, 1997.

SAKOMURA N. K.; BENATTI, M. R. B.; BASAGLIA, R.; FERNANDES, J. B. K.; NEME, R.; LONGO, F. A. Avaliação de equações de predição de exigências proteicas na alimentação de frangas de postura. **ARS VETERINARIA**, Jaboticabal, v. 21, n. 1, p. 7- 14, 2005.

SAKOMURA, N. K.; ROSTAGNO, H. S. Metodologias para avaliar o conteúdo de energia dos alimentos. *In*: SAKOMURA, N. K.; ROSTAGNO, H. S. **Métodos de pesquisa em nutrição de monogástricos**. Jaboticabal: Funep, 2007. p. 41-71.

SCOTT, M. L.; NESHEIM, M. C.; YOUNG, R. J. **Nutrition of the chicken**. 3. ed. Ithaca: M. L. Scott, 1982. 562p.

SILVA, C.R. DA. **Uso de probiótico em rações de frangos de corte: Desempenho, digestibilidade e energia metabolizável.** 64 f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2008.

SKINNER, J. T.; WALDROUP, A. L.; WALDROUP, P. W. Effects of dietary nutrient density on performance and carcass quality of broilers 42 to 49 days of age. **Journal of Applied Poultry Research**, Athens, v. 1, p. 367-372, 1992.

SPRATT, R. S.; BAYLEY, H. S.; McBRIDE, B. W. *et al*. Energy metabolism of broiler breeder hens. 1. The partition of dietary energy intake. **Poultry Science**, Champaign, v. 65, n. 8, p. 1339-1347, 1990.

SILVA, D.J. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 1990. 166 p.

WU, G.; BRYANT, M. M.; VOITLE, R. A.; ROLAND, D. A. S. R. Effect of dietary energy on performance and egg composition of Bovans White and Dekalb White hens during phase I. **Poultry science**, Champaign, v. 10, p. 1610-1615, 2005.

ALBERS, N. *et al*. **Vitamins in animal nutrition**. Bonn: Arbeitsgemeinschaft für Wirkstoffe in der Tierernährung, 2002.

6. APÊNDICES

Apêndice 1: Instruções para publicação na revista Poultry Science.

SCOPE AND GENERAL INFORMATION

Poultry Science® is now Gold Open Access (OA). The article processing charge (APC) for Poultry Science is $1500 for Poultry Science Association members (corresponding author must be an active member), and $2000 for non-members per article. The APC will be billed after peer review and manuscript acceptance. For more information please view the answers to frequently asked questions.
First self-published in 1921, Poultry Science is an internationally renowned monthly journal, known as the authoritative source for a broad range of poultry information and high-caliber research. The journal plays a pivotal role in the dissemination of preeminent poultry-related knowledge across all disciplines. Poultry Science is an Open Access journal with no subscription charges, meaning authors who publish here can make their research immediately, permanently, and freely accessible worldwide while retaining copyright to their work.

An international journal, Poultry Science publishes original papers, research notes, symposium papers, and reviews of basic science as applied to poultry. This authoritative source of poultry information is consistently ranked by ISI Impact Factor as one of the top 10 agriculture, dairy and animal science journals to deliver high-caliber research. Currently it is the highest-ranked (by Impact Factor and Eigenfactor) journal dedicated to publishing poultry research. Subject areas include breeding, genetics, education, production, management, environment, health, behavior, welfare, immunology, molecular biology, metabolism, nutrition, physiology, reproduction, processing, and products.

SUBMISSION

All manuscripts are submitted and reviewed via the journal's Editorial Manager manuscripts submission site at https://www.editorialmanager.com/psj. New authors should create an account prior to submitting a manuscript for consideration.
The submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submission Checklist

You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details

(please note that co-corresponding authors are not allowed):

E-mail address
Full postal address
All necessary files have been uploaded:

Manuscript:

Include keywords
All tables (including titles, description, footnotes)
Figure legends
Ensure all figure and table citations in the text match the files provided
Figure files (figures must be uploaded as separate files, not embedded in the manuscript)

Supplemental files (where applicable)

Conflict of Interest statement

Further considerations

Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
Journal policies detailed in this guide have been reviewed
Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements
For further information, visit our Support Center.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check.

CONTACT INFORMATION

CONTACT INFORMATION

For information on the scientific content of the journal, contact the editor-in-chief, Michael H. Kogut, Ph.D., USDA-ARS, Southern Plains Agricultural Research Center, 2881 F & B Road, College Station, TX 77845.

For assistance with Editorial Manager manuscripts, manuscript submission, and manuscript status contact David Busboom at david.busboom@poultryscience.org.

For all other inquiries, visit the Elsevier Support Center. Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch.

You can also check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published.

TYPES OF ARTICLES

Full-Length Articles
The journal emphasizes the importance of good scientific writing and clarity in presentation of the concepts, apparatus, and sufficient background information that would be required for thorough understanding by scientists in other disciplines. The results of experiments published in Poultry Science must be replicated, either by replicating treatments within experiments or by repeating experiments. Care should be taken to ensure that experiments are adequately replicated.

Review Papers

Review papers are accepted only if they provide new knowledge or a high-caliber synthesis of important knowledge. Reviews are not exempt from Open Access charges. All Poultry Science guidelines for style and form apply.

Research Notes

Research Notes report the results of complete experiments but are less comprehensive than full-length articles. These short papers may convey preliminary or final data fulfilling one or more of the following criteria: a single experiment, low sample numbers, or limited replication. Manuscripts should be prepared according to the guidelines for full-length articles. The title of a Research Note must begin with the words "Research Note:". The running head shall be "RESEARCH NOTE." Results and Discussion should be a unified section with concise data interpretation. A conclusions heading is not permitted. Supplementary data are not permitted. These papers are limited to: 1) 3,000 words or approximately nine typed, double-spaced pages; 2) two tables or figures or one of each; and 3) maximum ten (10) references. Authors must also indicate the section under which the manuscript is to be reviewed on the manuscript title page and on the Manuscript Submission Form. Editors may request that submitted full-length papers be revised for publication as Research Notes.

Symposium Papers

Symposium chair must decide whether or not the symposium is to be published and will inform the editor-in-chief of this decision at the January meeting. If the decision is not to publish the symposium, the individual authors retain the right to submit their papers for consideration for the journal as ordinary manuscripts. If publication is decided upon, all manuscript style and form guidelines of the journal shall be followed. If you are interested in publishing a symposium in Poultry Science, please see the full

guidelines here.

Invited Papers

Invited papers are subject to review, and all manuscript style and form guidelines of the journal shall be followed. Invited papers are exempt from open access fee.

Invited Reviews

Invited Reviews will be approximately 10 published pages and in review format. Nominations or suggestions for potential timely reviews are welcomed and should be sent directly to the editor-in-chief.

Book Reviews

A limited number of book reviews will publish in Poultry Science. Book reviews shall be prepared in accordance to the style and form requirements of the journal, and they are subject to editorial revision. No fees will be assessed.

Letters to the Editor

The purpose of letters will be to discuss, critique, or expand on scientific points made in articles recently published in Poultry Science. Introduction of unpublished data will not be allowed, nor will material based on conjecture or speculation. Letters must be received within 6 months of an article's publication. Letters will be limited to 400 words and 5 references. The author(s) of the original paper(s) will be provided a copy of the letter and offered the opportunity to submit for consideration a reply within 30 days. Replies will have the same page restrictions and format as letters, and the titles shall end with "-Reply." Letters and replies will be published together. Letters and replies shall follow appropriate Poultry Science formatting and may be edited by the editor-in-chief and a technical editor. If multiple letters on the same topic are received, a representative letter concerning a specific article may be published. Letters and replies will be published as space permits.

JOURNAL POLICIES
PEER REVIEW PROCESS

This journal operates a single blind review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper, frequently under the direction of a section editor with expertise in the manuscript topic. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. For more information on the types of peer review, please visit: https://www.elsevier.com/reviewers/peer-review.
All submissions to the journal are initially reviewed by the editorial office. At this stage, manuscripts may be rejected without peer review if it is felt that they are not relevant to the journal's scope or do not conform to manuscript formatting requirements. This fast rejection process means that authors are given a quick decision and do not need to wait for the review process.

Manuscripts that pass initial screening will be forwarded to the appropriate section editor. The section editor may suggest rejection based on fatal design flaw, inappropriate replications, lack of novelty, or other major concerns. If appropriate, the paper will be sent out for peer review, usually to 2 independent reviewers who will provide comments. The section editor may recommend rejection or acceptance at this point, after which the manuscript and reviewer comments are made available to the editor-in-chief for a final decision to the authors. The manuscript will be sent back to the corresponding author for revision according to the guidelines of the reviewers. Authors have 30 days to complete the revision, which shall be returned to the section editor. Failure to return the manuscript within 30 days will lock the author out of re-submitting the revision.

Rejected manuscripts can be resubmitted only with an invitation from the section editor or editor-in-chief. Revised versions of previously rejected manuscripts are treated as new submissions.

PRE-SUBMISSION LANGUAGE EDITING

Please write your text in good English (American usage). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's Author Services.

POST-PRODUCTION CORRECTIONS

No correction to a paper already published will be carried out without an erratum or corrigendum (as applicable), this applies to articles in press and published within an issue. This means that any change carried out to a paper already published online will have a corresponding erratum or corrigendum published with its own separate DOI. Whether as an article in press or in an issue, if an erratum or corrigendum is published, the online version of the original paper will also be corrected online and the correction notice will mention this. Corrections will only be made if the publication record is seriously affected by the academic accuracy of published information.
Authors' corrections to Supplementary Data are made only in exceptional circumstances (for example major errors that compromise the conclusion of the study). Because the Supplementary Data is part of the original paper and hence the published record, the information cannot be updated if new data have become available or interpretations have changed.

ETHICS

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

CARE AND USE OF ANIMALS

Authors must make it clear that experiments were conducted in a manner that avoided unnecessary discomfort to the animals by the use of proper management and laboratory techniques. Experiments shall be conducted in accordance with the principles and specific guidelines presented in Guide for the Care and Use of

Agricultural Animals in Research and Teaching, 4th edition, 2020 (found here); and, if applicable, Guide for the Care and Use of Laboratory Animals (United States Department of Human Health and Services, National Institutes of Health, Publication Number ISBN 0-309-05377-3, 1996); or Guide to the Care and Use of Experimental Animals, 2nd ed. Volume 1, 1993 (Canadian Council on Animal Care). Methods of killing experimental animals must be described in the text. In describing surgical procedures, the type and dosage of the anesthetic agent must be specified. Intra-abdominal and intrathoracic invasive surgery requires anesthesia. This includes caponization. The editor-in- chief of Poultry Science may refuse to publish manuscripts that are not compatible with these guides. If rejected solely on that basis, however, the paper may be resubmitted for reconsideration when accompanied by a written verification that a committee on animal care in research has approved the experimental design and procedures involved.

THIRD PARTY COPYRIGHT

As a general rule, permission should be sought from the rights holder to reproduce any substantial part of a copyrighted work. This includes any text, illustrations, charts, tables, photographs, or other material from previously published sources. For more information on third party permissions, visit https://www.elsevier.com/permissions.

DECLARATION OF COMPETING INTEREST

Corresponding authors, on behalf of all the authors of a submission, must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. All authors, including those without competing interests to declare, should provide the relevant information to the corresponding author (which, where relevant, may specify they have nothing to declare). Corresponding authors should then use this tool to create a shared statement and upload to the submission system at the Attach Files step.
Please do not convert the .docx template to another file type. Author signatures are not required.

Preprints

The journal will not accept articles posted to preprint servers prior to, or during peer review, for consideration for publication.

ROLE OF THE FUNDING SOURCE

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.
Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow

authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the gold open access publication fee. Details of existing agreements are available online. After acceptance, open access papers will be published under a noncommercial license. For authors requiring a commercial CC BY license, you can apply after your manuscript is accepted for publication.

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements: Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Elsevier Researcher Academy

Researcher Academy is a free e-learning platform designed to support early and mid-career researchers throughout their research journey. The "Learn" environment at Researcher Academy offers several interactive modules, webinars, downloadable guides and resources to guide you through the process of writing for research and going through peer review. Feel free to use these free resources to improve your submission and navigate the publication process with ease.

THE USE AND DECLARATION OF AI AND AI-ASSISTED TECHNOLOGIES IN SCIENTIFIC WRITING

Where authors use artificial intelligence (AI) and AI-assisted technologies in the writing process, authors should:
Only use these technologies to improve readability and language, not to replace key researcher tasks such as interpreting data or drawing scientific conclusions.
Apply the technology with human oversight and control, and carefully review and edit the result, as AI can generate authoritative-sounding output that can be incorrect, incomplete or biased.
Not list AI and AI-assisted technologies as an author or co-author, or cite AI as an author. Authorship implies responsibilities and tasks that can only be attributed to and performed by humans, as outlined in Elsevier’s AI policy for authors.
Disclose in their manuscript the use of AI and AI-assisted technologies in the writing process by following the instructions below. A statement will appear in the published work. Please note that authors are ultimately responsible and accountable for the contents of the work.

Disclosure instructions

Authors must disclose the use of AI and AI-assisted technologies in the writing process by adding a statement at the end of their manuscript in a new section entitled ‘Declaration of AI and AI-assisted technologies in the writing process.’ Statement: During the preparation of this work the author(s) used [NAME TOOL / SERVICE] in order to [REASON]. After using this tool/service, the author(s) reviewed and edited the content as needed and take(s) full responsibility for the content of the publication. This declaration does not apply to the use of basic tools for checking grammar, spelling, references etc. If there is nothing to disclose, there is no need to add a statement.

COPYRIGHT

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Author Rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

OPEN ACCESS

This is an open access journal: all articles will be immediately and permanently free for everyone to read and download. To provide open access, this journal has an open access fee (also known as an article publishing charge APC) which needs to be paid by the authors or on their behalf e.g. by their research funder or institution. Permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution (CC BY): lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

Open access fee

The open access publication fee for this journal for research articles and review articles is USD 2000, excluding taxes. The open access publication fee is USD 1500 if the corresponding author is a member of the Poultry Science Association. The open

access publication fee for research notes is USD 1000, excluding taxes, or USD 750, excluding taxes, if the corresponding author is a member of Poultry Science Association. (Note: The corresponding author must be a Poultry Science Association member before the article is accepted for the discount to apply.) Learn more about Elsevier's pricing policy: https:///www.elsevier.com/openaccesspricing.

Shortly after acceptance, the corresponding author will be contacted regarding license options, funding information, and payment of the Open Access fee.

PREPARATION OF MANUSCRIPT

MANUSCRIPT FORMATTING

General

Papers must be written in English. The text and all supporting materials must use American spelling and usage as given in The American Heritage Dictionary, Webster's Third New International Dictionary, or the Oxford American English Dictionary. Authors should follow the style and form recommended in Scientific Style and Format: The CSE Manual for Authors, Editors, and Publishers. 2006. 7th ed. Style Manual Committee, Council of Science Editors, Reston, VA.

Preparing the manuscript file

Manuscripts should be typed double-spaced, with lines and pages numbered consecutively, using Times New Roman font at 12 points. All special characters (e.g., Greek, math, symbols) should be inserted using the symbols palette available in this font. Please submit math equations as editable text and not as images. Tables and figure legends should be placed in a separate section at the end of the manuscript (not placed within the text). Figure files should be uploaded as separate files (not embedded in the manuscript).

Use of word-processing software:

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Headings

Major headings

Major headings are centered (except ABSTRACT), all capitals, boldface, and consist of ABSTRACT, INTRODUCTION, MATERIALS AND METHODS, RESULTS, DISCUSSION (or RESULTS AND DISCUSSION), ACKNOWLEDGMENTS (optional), and REFERENCES.

First subheadings

First subheadings are placed on a separate line, begin at the left margin, the first letter of all important words is capitalized, and the headings are boldface and italic. Text that follows a first subheading should be in a new paragraph.

Second subheadings

Second subheadings begin the first line of a paragraph. They are indented, boldface, italic, and followed by a period. The first letter of each important word should be capitalized. The text follows immediately after the final period of the subheading.

TITLE PAGE

The title page shall begin with a running head (short title) of not more than 45 characters. The running head is centered, is in all capital letters, and shall appear on the top of the title page. No abbreviations should be used.
The title of the paper must be in boldface; the first letter of the article title and proper names are capitalized, and the remainder of the title is lowercase. The title must not have abbreviations.

Under the title, names of authors should be typed (first name or initial, middle initial, last name). Affiliations will be footnoted using the following symbols: *, †, ‡, §, #, ||, and be placed below the author names. Do not give authors' titles, positions, or degrees. Numbered footnotes may be used to provide supplementary information, such as present address, acknowledgment of grants, and experiment station or journal series number. The corresponding author should be indicated with a numbered footnote (e.g., Corresponding author: name@university.edu). Note: Poultry Science allows a single corresponding author; co-corresponding authors are not permitted.

In some instances, the first two authors of a manuscript may be designated as equal contributors. However, the corresponding author should be prepared to justify such designation, if asked by the editorial staff. More than two equal contributors is not permitted under any circumstance.

Note that there is no period after the corresponding author's e-mail address. The title page shall include the name and full address of the corresponding author. Telephone numbers and e-mail address must also be provided. The title page must indicate the appropriate scientific section for the paper (i.e., Animal Well-Being and Behavior; Genetics and Genomics; Immunology, Health and Disease; Metabolism and Nutrition; Molecular and Cellular Biology; Physiology and Reproduction; Processing and Products; Microbiology and Food Safety; Management and Production).

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors before submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only before the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the corresponding author: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Once a paper reaches the proof stage, no changes to the author list are permitted.

ABBREVIATIONS

Author-derived abbreviations should be defined at first use in the abstract and again in the body of the manuscript. The abbreviation will be shown in bold type at first use in the body of the manuscript. Refer to the Miscellaneous Usage Notes for more information on abbreviations.

ABSTRACT

The Abstract disseminates scientific information through abstracting journals and through convenience for the readers. The Abstract, consisting of not more than 325 words, appears at the beginning of the manuscript with the word ABSTRACT without a following period. It must summarize the major objectives, methods, results, conclusions, and practical applications of the research. The Abstract must consist of complete sentences and use of abbreviations should be limited. References to other work and footnotes are not permitted. The Abstract and Key Words must be on a separate sheet of paper.

KEY WORDS

The Abstract shall be followed by a maximum of five key words or phrases to be used for subject indexing. These should include important words from the title and the running head and should be singular, not plural, terms (e.g., broiler, not broilers). Key words should be formatted as follows: Key words: . . .

ARTICLE STRUCTURE

Introduction

The Introduction, while brief, should provide the reader with information necessary for understanding research presented in the paper. Previous work on the topic should be summarized, and the objectives of the current research must be clearly stated.

Materials and methods

All sources of products, equipment, and chemicals used in the experiments must be

specified parenthetically at first mention in text, tables, and figures [i.e., (model 123, ABC Corp., Provo, UT)]. Model and catalog numbers should be included. Information shall include the full corporate name (including division, branch, or other subordinate part of the corporation, if applicable), city, and state (country if outside the United States), or Web address. Street addresses need not be given unless the reader would not be able to determine the full address for mailing purposes easily by consulting standard references.

Age, sex, breed, and strain or genetic stock of animals used in the experiments shall be specified. Animal care guidelines should be referenced if appropriate.

Papers must contain analyzed values for those dietary ingredients that are crucial to the experiment. Papers dealing with the effects of feed additives or graded levels of a specific nutrient must give analyzed values for the relevant additive or nutrient in the diet(s). If products were used that contain different potentially active compounds, then analyzed values for these compounds must be given for the diet(s). Exceptions can only be made if appropriate methods are not available. In other papers, authors should state whether experimental diets meet or exceed the National Research Council (1994) requirements as appropriate. If not, crude protein and metabolizable energy levels should be stated. For layer diets, calcium and phosphorus contents should also be specified.

When describing the composition of diets and vitamin premixes, the concentration of vitamins A and E should be expressed as IU/kg on the basis of the following equivalents:

Vitamin A

1 IU = 0.3 µg of all-trans retinol 1 IU = 0.344 µg of retinyl acetate

1 IU = 0.552 µg of retinyl palmitate

1 IU = 0.60 µg of ß-carotene

Vitamin E

1 IU = 1 mg of dl-α-tocopheryl acetate 1 IU = 0.91 mg of dl-α-tocopherol

1 IU = 0.67 mg of d-α-tocopherol

In the instance of vitamin D3, cholecalciferol is the acceptable term on the basis that 1 IU of vitamin D3 = 0.025 µg of cholecalciferol.

The sources of vitamins A and E must be specified in parentheses immediately following the stated concentrations.

• **Statistical analysis:** Biology should be emphasized, but the use of incorrect or inadequate statistical methods to analyze and interpret biological data is not acceptable. Consultation with a statistician is recommended. Statistical methods

commonly used in the animal sciences need not be described in detail, but adequate references should be provided. The statistical model, classes, blocks, and experimental unit must be designated. Any restrictions used in estimating parameters should be defined. Reference to a statistical package without reporting the sources of variation (classes) and other salient features of the analysis, such as covariance or orthogonal contrasts, is not sufficient. A statement of the results of statistical analysis should justify the interpretations and conclusions.
When possible, results of similar experiments should be pooled statistically. Do not report a number of similar experiments separately.

The experimental unit is the smallest unit to which an individual treatment is imposed. For group-fed animals, the group of animals in the pen is the experimental unit; therefore, groups must be replicated. Repeated chemical analyses of the same sample usually do not constitute independent experimental units. Measurements on the same experimental unit over time also are not independent and must not be considered as independent experimental units. For analysis of time effects, use time-sequence analysis.

• Usual assumptions are that errors in the statistical models are normally and independently distributed with constant variance. Most standard methods are robust to deviations from these assumptions, but occasionally data transformations or other techniques are helpful. For example, it is recommended that percentage data between 0 and 20 and between 80 and 100 be subjected to arc sin transformation prior to analysis. Most statistical procedures are based on the assumption that experimental units have been assigned to treatments at random. If animals are stratified by ancestry or weight or if some other initial measurement should be accounted for, they should include a blocking factor, or the initial measurement should be included as a covariate.

• A parameter [mean (μ), variance (ó2)], which defines or describes a population, is estimated by a statistic (x, s2). The term parameter is not appropriate to describe a variable, observation, trait, characteristic, or measurement taken in an experiment.

• Standard designs are adequately described by name and size (e.g., "a randomized complete block design with 6 treatments in 5 blocks"). For a factorial set of treatments, an adequate description might be as follows: "Total sulfur amino acids at 0.70 or 0.80% of the diet and Lys at 1.10, 1.20, or 1.30% of the diet were used in a 2 x 3 factorial arrangement in 5 randomized complete blocks consisting of initial BW." Note that a factorial arrangement is not a design; the term "design" refers to the method of grouping experimental units into homogeneous groups or blocks (i.e., the way in which the randomization is restricted).

• Standard deviation refers to the variability in a sample or a population. The standard error (calculated from error variance) is the estimated sampling error of a statistic such as the sample mean. When a standard deviation or standard error is given, the number of degrees of freedom on which it rests should be specified. When any statistical value (as mean or difference of 2 means) is mentioned, its standard error or confidence limit should be given. The fact that differences are not "statistically significant" is no reason for omitting standard errors. They are of value when results from several experiments are combined in the future. They also are useful to the reader as measures of efficiency

of experimental techniques. A value attached by "±" to a number implies that the second value is its standard error (not its standard deviation). Adequate reporting may require only 1) the number of observations, 2) arithmetic treatment means, and 3) an estimate of experimental error. The pooled standard error of the mean is the preferred estimate of experimental error. Standard errors need not be presented separately for each mean unless the means are based on different numbers of observations or the heterogeneity of the error variance is to be emphasized. Presenting individual standard errors clutters the presentation and can mislead readers.

• For more complex experiments, tables of subclass means and tables of analyses of variance or covariance may be included. When the analysis of variance contains several error terms, such as in split-plot and repeated measures designs, the text should indicate clearly which mean square was used for the denominator of each F statistic. Unbalanced factorial data can present special problems. Accordingly, it is well to state how the computing was done and how the parameters were estimated. Approximations should be accompanied by cautions concerning possible biases.

• Contrasts (preferably orthogonal) are used to answer specific questions for which the experiment was designed; they should form the basis for comparing treatment means. Nonorthogonal contrasts may be evaluated by Bonferroni t statistics. The exact contrasts tested should be described for the reader. Multiple-range tests are not appropriate when treatments are orthogonally arranged. Fixed-range, pairwise, multiple-comparison tests should be used only to compare means of treatments that are unstructured or not related. Least squares means are the correct means to use for all data, but arithmetic means are identical to least squares means unless the design is unbalanced or contains missing values or an adjustment is being made for a covariate. In factorial treatment arrangements, means for main effects should be presented when important interactions are not present. However, means for individual treatment combinations also should be provided in table or text so that future researchers may combine data from several experiments to detect important interactions. An interaction may not be detected in a given experiment because of a limitation in the number of observations.

• The terms significant and highly significant traditionally have been reserved for $P < 0.05$ and $P < 0.01$, respectively; however, reporting the P-value is preferred to the use of these terms. For example, use ". . . there was a difference ($P < 0.05$) between control and treated samples" rather than ". . . there was a significant ($P < 0.05$) difference between control and treated samples." When available, the observed significance level (e.g., $P = 0.027$) should be presented rather than merely $P < 0.05$ or $P < 0.01$, thereby allowing the reader to decide what to reject. Other probability (α) levels may be discussed if properly qualified so that the reader is not misled. Do not report P-values to more than 3 places after the decimal. Regardless of the probability level used, failure to reject a hypothesis should be based on the relative con- sequences of type I and II errors. A "nonsignificant" relationship should not be interpreted to suggest the absence of a relationship. An inadequate number of experimental units or insufficient control of variation limits the power to detect relationships. Avoid the ambiguous use of $P > 0.05$ to declare nonsignificance, such as indicating that a difference is not significant at $P > 0.05$ and subsequently declaring another difference significant (or a tendency) at $P < 0.09$. In addition, readers may incorrectly interpret the use of $P > 0.05$ as the probability of a β error, not an α error.

• Present only meaningful digits. A practical rule is to round values so that the change caused by rounding is less than one-tenth of the standard error. Such rounding increases the variance of the reported value by less than 1%, so that less than 1% of the relevant information contained in the data is sacrificed. Significant digits in data reported should be restricted to 3 beyond the decimal point, unless warranted by the use of specific methods.

Results and discussion

Results and Discussion sections may be combined, or they may appear in separate sections. If separate, the Results section shall contain only the results and summary of the author's experiments; there should be no literature comparisons. Those comparisons should appear in the Discussion section. Manuscripts reporting sequence data must have GenBank accession numbers prior to submitting. One of the hallmarks for experimental evidence is repeatability. Care should be taken to ensure that experiments are adequately replicated. The results of experiments must be replicated, either by replicating treatments within experiments or by repeating experiments.

Acknowledgements

An Acknowledgments section, if desired, shall follow the Discussion section. Acknowledgments of individuals should include affiliations but not titles, such as Dr., Mr., or Ms. Affiliations shall include institution, city, and state.

REFERENCES

Citations in text

In the body of the manuscript, refer to authors as follows: Smith and Jones (1992) or Smith and Jones (1990, 1992). If the sentence structure requires that the authors' names be included in parentheses, the proper format is (Smith and Jones, 1982; Jones, 1988a,b; Jones et al., 1993). Where there are more than two authors of one article, the first author's name is followed by the abbreviation et al. More than one article listed in the same sentence of text must be in chronological order first, and alphabetical order for two publications in the same year. Work that has not been accepted for publication shall be listed in the text as: "J. E. Jones (institution, city, and state, personal communication)." The author's own un- published work should be listed in the text as "(J. Smith, unpublished data)." Personal communications and un-published data must not be included in the References section.

References section

To be listed in the References section, papers must be published or accepted for publication. Manuscripts submitted for publication can be cited as "personal communication" or "unpublished data" in the text.

In the References section, references shall first be listed alphabetically by author(s)' last name(s), and then chronologically. The year of publication follows the authors' names. As with text citations, two or more publications by the same author or set of authors in the same year shall be differentiated by adding lowercase letters after the

date. The dates for papers with the same first author that would be abbreviated in the text as et al., even though the second and subsequent authors differ, shall also be differentiated by letters. All authors' names must appear in the Reference section. Journals shall be abbreviated according to the conventional ISO abbreviations given in journals database of the National Library of Medicine. One-word titles must be spelled out. Inclusive page numbers must be provided. Sample references are given below. Consult recent issues of Poultry Science for examples not included below.

N.B. - The online version of Poultry Science uses a reference format that differs from that prescribed by the journal. The Guide for Authors is the sole source for the reference format. Any papers that do not follow this format risk rejection.

Article:

Bagley, L. G., and V. L. Christensen. 1991. Hatchability and physiology of turkey embryos incubated at sea level with increased eggshell permeability. Poult. Sci. 70:1412-1418.

Bagley, L. G., V. L. Christensen, and R. P. Gildersleeve. 1990. Hematological indices of turkey embryos incubated at high altitude as affected by oxygen and shell permeability. Poult. Sci. 69:2035- 2039.

Witter, R. L., and I. M. Gimeno. 2006. Susceptibility of adult chickens, with and without prior vaccination, to challenge with Marek's disease virus. Avian Dis. 50:354-365. doi:10.1637/7498-010306R.1

Book:

Metcalfe, J., M. K. Stock, and R. L. Ingermann. 1984. The effects of oxygen on growth and development of the chick embryo. Pages 205- 219 in Respiration and Metabolism of Embryonic Vertebrates. R. S. Seymour, ed. Dr. W. Junk, Dordrecht, the Netherlands.

National Research Council. 1994. Nutrient Requirements of Poultry. 9th rev. ed. Natl. Acad. Press, Washington, DC.

Federal Register:

Department of Agriculture, Plant and Animal Health Inspection Service. 2004. Blood and tissue collection at slaughtering and rendering establishments, final rule. 9CFR part 71. Fed. Regis. 69:10137-10151.

Other:

Choct, M., and R. J. Hughes. 1996. Long-chain hydrocarbons as a marker for digestibility studies in poultry. Proc. Aust. Poult. Sci. Symp. 8:186. (Abstr.)

Dyro, F. M. 2005. Arsenic. WebMD. Accessed Feb. 2006. http:// www.emedicine.com/neuro/topic20.htm.

El Halawani, M. E., and I. Rosenboim. 2004. Method to enhance reproductive performance in poultry. Univ. Minnesota, as- signee. US Pat. No. 6,766,767.

Hruby, M., J. C. Remus, and E. E. M. Pierson. 2004. Nutritional strategies to meet the challenge of feeding poultry without antibiotic growth promotants. Proc. 2nd Mid-Atlantic Nutr. Conf., Timonium, MD. Univ. Maryland, College Park.

Luzuriaga, D. A. 1999. Application of computer vision and electronic nose technologies for quality assessment of color and odor of shrimp and salmon. PhD Diss. Univ. Florida, Gainesville.

Peak, S. D., and J. Brake. 2000. The influence of feeding program on broiler breeder male mortality. Poult. Sci. 79(Suppl. 1):2. (Abstr.)

TABLES

Tables must be created using the MS Word table feature and inserted in the manuscript after the references section. When possible, tables should be organized to fit across the page without running broadside. Be aware of the dimensions of the printed page when planning tables (use of more than 15 columns will create layout problems). Place the table number and title on the same line above the table. The table title does not require a period. Do not use vertical lines and use few horizontal lines. Use of bold and italic typefaces in the table should be done sparingly; you must define such use in a footnote. Each table must be on a separate page. To facilitate placement of all tables into the manuscript file (just after the references) authors should use "section breaks" rather than "page breaks" at the end of the manuscript (before the tables) and between tables.

Units of measure for each variable must be indicated. Papers with several tables must use consistent format. All columns must have appropriate headings. Abbreviations not found on the inside front cover of the journal must be defined in each table and must match those used in the text. Footnotes to tables should be marked by superscript numbers. Each footnote should begin a new line. Superscript letters shall be used for the separation of means in the body of the table and explanatory footnotes must be provided [i.e., "Means within a row lacking a common superscript differ ($P < 0.05$)."]; other significant P-values may be specified. Comparison of means within rows and columns should be indicated by different series of superscripts (e.g., a,b,… in rows; x-z … in columns) The first alphabetical letter in the series (e.g., a or A) shall be used to indicate the largest mean. Lowercase super- scripts indicate $P \leq 0.05$. Uppercase letters indicate $P \leq 0.01$ or less.

Probability values may be indicated as follows: *$P \leq 0.05$, **$P \leq 0.01$, ***$P \leq 0.001$, and †$P \leq 0.10$. Consult a recent issue of Poultry Science for examples of tables.

Generally, results should be presented to the significant figure of the instrument used to collect the data. For example, results should not be presented to 5 digits when the instrument used only reads to 2 digits.

MISCELLANEOUS USAGE NOTES

Abbreviations

• Abbreviations shall not be used in the title, key words, or to begin sentences, except when they are widely known throughout science (e.g., DNA, RNA) or are terms better known by abbreviation (e.g., IgG, CD). A helpful criterion for use of abbreviation is whether it has been accepted into thesauri and indexes widely used for searching major bibliographic databases in the scientific field. Abbreviations may be used in heads within the paper, if they have been first defined within the text. The inside back cover of every issue of the journal lists abbreviations that can be used without definition. The list is subject to revision at any time, so authors should always consult the most recent issue of the journal for relevant information. Abbreviations are allowed when they help the flow of the manuscript; however, excessive use of abbreviations can confuse the reader. The suitability of abbreviations will be evaluated by the reviewers and editors during the review process and by the technical editor during editing. As a rule, author-derived abbreviations should be in all capital letters. Terms used less than three times must be spelled out in full rather than abbreviated. All terms are to be spelled out in full with the abbreviation following in bold type in parentheses the first time they are mentioned in the main body of the text. Abbreviations shall be used consistently thereafter, rather than the full term.
• The abstract, text, each table, and each figure must be understood independently of each other. Therefore, abbreviations shall be defined within each of these units of the manuscript.

• Plural abbreviations do not require "s." Chemical symbols and three-letter abbreviations for amino acids do not need definition. Units of measure, except those in the standard Poultry Science abbreviation list, should be abbreviated as listed in the CRC Handbook for Chemistry and Physics (CRC Press, 2000 Corporate Blvd., Boca Raton, FL, 33431) and do not need to be defined.

• The following abbreviations may be used without definition in Poultry Science:

A adenine
ADG average daily gain
ADFI average daily feed
AME apparent metabolizable energy
AMEn nitrogen-corrected apparent metabolizable energy
ANOVA analysis of variance
B cell bursal-derived, bursal-equivalent derived cell bp base pairs
BSA bovine serum albumin
BW body weight
C cytosine
cDNA complementary DNA
cfu colony-forming units
CI confidence interval
CP crude protein
cpm counts per minute
CV coefficient of variation
d day
df degrees of freedom
DM dry matter
DNA deoxyribonucleic acid

EDTA ethylenediaminetetraacetate
ELISA enzyme-linked immunosorbent antibody assay
EST expressed sequence tag
g gram
g gravity
G guanine
GAT glutamic acid-alanine-tyrosine
GLM general linear model
h hour
HEPES N-2-hydroxyethyl piperazine-N'-ethane-sulfonic acid
HPLC high-performance (high-pressure) liquid chromatography
i.m. intramuscular
i.p. intraperitoneal
i.v. intravenous
ICU international chick units
Ig immunoglobulin
IL interleukin
IU international units
kb kilobase pairs
kDa kilodalton
L liter*
L:D hours light:hours darkness in a photoperiod (e.g., 23L:1D)
m meter
µ micro M molar
MAS marker-assisted selection
ME metabolizable energy
MEn nitrogen-corrected metabolizable energy
MHC major histocompatibility complex
mRNA messenger ribonucleic acid
min minute
mo month
MS mean square
n number of observations
N normal
NAD nicotinamide adenine dinucleotide
NADH reduced nicotinamide adenine dinucleotide
NRC National Research Council
NS not significant
PAGE polyacrylamide gel electrophoresis
PBS phosphate-buffered saline
PCR polymerase chain reaction
pfu plaque-forming units
ppm parts per million
QTL quantitative trait loci
r correlation coefficient
r2 coefficient of determination, simple
R2 coefficient of determination, multiple
RH relative humidity
RIA radioimmunoassay
RNA ribonucleic acid

rpm revolutions per minute
s second
s.c. subcutaneous
SD standard deviation
SDS sodium dodecyl sulphate
SE standard error
SEM standard error of the mean
SRBC sheep red blood cells
SNP single nucleotide polymorphism
T thymine
TBA thiobarbituric acid
T cell thymic-derived cell
TME true metabolizable energy
TMEn nitrogen-corrected true metabolizable energy
Tris tris(hydroxymethyl)aminomethane
TSAA total sulfur amino acids
U uridine
USDA United States Department of Agriculture
UV ultraviolet
vol/vol volume to volume
vs. versus
wt/vol weight to volume
wt/wt weight to weight
wk week
yr year
*Also capitalized with any combination, e.g., mL.

International words and phrases

Non-English words in common usage (defined in recent editions of standard dictionaries) will not appear in italics (e.g., in vitro, in vivo, in situ, a priori). However, genus and species of plants, animals, or bacteria and viruses should be italicized. Authors must indicate accent marks and other diacriticals on international names and institutions. German nouns shall begin with capital letters.

Capitalization

Breed and variety names are to be capitalized (e.g., Single Comb White Leghorn).

Number style

Numbers less than 1 shall be written with preceding zeros (e.g., 0.75). All numbers shall be written as digits. Measures must be in the metric system; however, US equivalents may be given in parentheses. Poultry Science requires that measures of energy be given in calories rather than joules, but the equivalent in joules may be shown in parentheses or in a footnote to tables. Units of measure not preceded by numbers must be written out rather than abbreviated (e.g., lysine content was measured in milligrams per kilogram of diet) unless used parenthetically. Measures of variation must be defined in the Abstract and in the body of the paper at first use. Units

of measure for feed conversion or feed efficiency shall be provided (i.e., g:g).

Nucleotide sequences

Nucleotide sequence data must relate to poultry or poultry pathogens and must complement biological data published in the same or a companion paper. If sequences are excessively long, it is suggested that the most relevant sections of the data be published in Poultry Science and the remaining sequences be submitted to one of the sequence databases. Acceptance for publication is contingent on the submission of sequence data to one of the databases. The following statement should appear as a footnote to the title on the title page of the manuscript. "The nucleotide sequence data reported in this paper have been submitted to Embank Submission (Mail Stop K710, Los Alamos National Laboratories, Los Alamos, NM 87545) nucleotide sequence database and have been assigned the accession number XNNNNN." Publication of the description of molecular clones is assumed by the editors to place them in the public sector. Therefore, they shall be made available to other scientists for research purposes.

Nucleotide sequences must be submitted as camera- ready figures no larger than 21.6 x 27.9 cm in standard (portrait) orientation. Abbreviations should follow Poultry Science guidelines.

Gene and protein nomenclature

Authors are required to use only approved gene and protein names and symbols. For poultry, full gene names should not be italicized. Gene symbols should be in uppercase letters and should be in italics. A protein symbol should be in the same format as its gene except the protein symbol should not be in italics.

General usage

• Note that "and/or" is not permitted; choose the more appropriate meaning or use "x or y or both."

• Use the slant line only when it means "per" with numbered units of measure or "divided by" in equations. Use only one slant line in a given expression (e.g., g/d per chick). The slant line may not be used to indicate ratios or mixtures.

• Use "to" instead of a hyphen to indicate a range. Insert spaces around all signs (except slant lines) of operation (=, -, +, x, >, or <, etc.) when these signs occur between two items.

• Items in a series should be separated by commas (e.g., a, b, and c).

• Restrict the use of "while" and "since" to meanings related to time.

• Appropriate substitutes include "and," "but," or "whereas" for "while" and "because" or "although" for "since."

• Leading (initial) zeros should be used with numbers less than 1 (e.g., 0.01).

• Commas should be used in numbers greater than 999.

•Registered (®) and trademark (©) symbols should not be used, unless as part of an article title in the References section. Trademarked product names should be capitalized.

FIGURES/ILLUSTRATIONS

General points

• Submit each illustration as a separate file.

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.

• Embed the used fonts if the application provides that option.

• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.

• Number the illustrations according to their sequence in the text.

• Use a logical naming convention for your artwork files.

• Provide captions to illustrations separately.

• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.

A detailed guide on electronic artwork is available.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.

Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.

TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.

TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.

TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;

• Supply files that are too low in resolution;

• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. Please indicate your preference for color: in print or online only. Further information on the preparation of electronic artwork.

Illustration services

Elsevier's Author Services offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

SUPPLEMENTARY DATA

Supplementary material such as applications, images and sound clips, can be published with your article to enhance it. Submitted supplementary items are published exactly as they are received (Excel or PowerPoint files will appear as such online). Please submit your material together with the article and supply a concise, descriptive caption for each supplementary file. If you wish to make changes to supplementary material during any stage of the process, please make sure to provide an updated file. Do not annotate any corrections on a previous version. Please switch off the 'Track

Changes' option in Microsoft Office files as these will appear in the published version. Ensure that the supplementary material is referred to in the main manuscript at an appropriate point in the text. Supplementary material will be available online only and will not be copyedited, so ensure that it is clearly and succinctly presented, and that the style conforms to the rest of the paper. Also ensure that the presentation will work on any Internet browser. It is not recommended for the files to be more than 2 MB each, although exceptions can be made at the editorial office's discretion.

ADDITIONAL INFORMATION ABOUT ACCEPTED MANUSCRIPTS

PROOFS

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to their proof. Please annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors.
We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

ARTICLES IN PRESS

For Poultry Science, manuscripts arrive at Elsevier and go through the production process until the final versions are ready to publish. These are then published on the journal's articles in press page. They will remain on the page up until the issue that they are assigned to is published.

OFFPRINTS

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication.

Reporting sex- and gender-based analyses

Reporting guidance

For research involving or pertaining to humans, animals or eukaryotic cells, investigators should integrate sex and gender-based analyses (SGBA) into their research design according to funder/sponsor requirements and best practices within a field. Authors should address the sex and/or gender dimensions of their research in their article. In cases where they cannot, they should discuss this as a limitation to their research's generalizability. Importantly, authors should explicitly state what definitions of sex and/or gender they are applying to enhance the precision, rigor and reproducibility of their research and to avoid ambiguity or conflation of terms and the constructs to which they refer (see Definitions section below). Authors can refer to the

Sex and Gender Equity in Research (SAGER) guidelines and the SAGER guidelines checklist. These offer systematic approaches to the use and editorial review of sex and gender information in study design, data analysis, outcome reporting and research interpretation - however, please note there is no single, universally agreed-upon set of guidelines for defining sex and gender.

Definitions

Sex generally refers to a set of biological attributes that are associated with physical and physiological features (e.g., chromosomal genotype, hormonal levels, internal and external anatomy). A binary sex categorization (male/female) is usually designated at birth (""sex assigned at birth""), most often based solely on the visible external anatomy of a newborn. Gender generally refers to socially constructed roles, behaviors, and identities of women, men and gender-diverse people that occur in a historical and cultural context and may vary across societies and over time. Gender influences how people view themselves and each other, how they behave and interact and how power is distributed in society. Sex and gender are often incorrectly portrayed as binary (female/male or woman/man) and unchanging whereas these constructs actually exist along a spectrum and include additional sex categorizations and gender identities such as people who are intersex/have differences of sex development (DSD) or identify as non-binary. Moreover, the terms ""sex"" and ""gender"" can be ambiguous—thus it is important for authors to define the manner in which they are used. In addition to this definition guidance and the SAGER guidelines, the resources on this page offer further insight around sex and gender in research studies.

7. VITA

Raíssa Gabriela Dias Menezes, filha de Edmilson Cunha de Menezes e Ângela Dias Menezes, nascido em 12 de março de 1994, em Viamão – RS. Realizou o ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Farroupilha, e o ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Farroupilha, concluindo os estudos em dezembro de 2011. Em agosto de 2013 iniciou a graduação em Zootecnia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez parte do grupo de pesquisa Aviário de Ensino e Pesquisa, supervisionado pelo professor PhD. Sergio Luiz Vieira, desde janeiro de 2014, totalizando 4 anos de estágio na graduação. No último semestre da faculdade, em 2018, foi estagiária na empresa Mercoaves, na cidade de Bom Princípio – RS, tendo a oportunidade de conhecer todo o processo de produção de matrizes de postura, fábrica de ração, incubatório e recria de poedeiras. Ao concluir o estágio, foi efetivada e atualmente desempenha o papel de coordenadora no setor de PCP. Formou-se em março de 2019. No primeiro semestre de 2022 ingressou como aluna de mestrado tendo vínculo empregatício durante o Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da UFRGS, sob orientação do professor Ph.D. Sergio Luiz Vieira.